

O ECUMENISMO E OS BATISTAS

***Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)***

Edições Cristãs

Í N D I C E

Peço a Palavra	
As Razões porque Peço a Palavra e Quero ser ouvido	
O Mais Potente Petardo do Arsenal Pontifício	
Objetivo Concentrador do Ecumenismo	
Os Batistas perante o Vaticanocentrismo	
Os Batistas Brasileiros na Mira do Ecumenismo	
A Meta Diabólica do Ecumenismo “E agora não é mais fácil Evangelizar?”	
Sugestões Práticas de um arcebispo e a amarga experiência de um Pastor	
O Sorriso do Jacaré e o Abraço de Harada	
A Convenção Batista Brasileira Enredada pela Ação Ecumenizante	
Apêndice: Para os Batistas de Hoje	
Documentos em Anexo	

.oOo.

PEÇO A PALAVRA!

INÚTIL SOLICITÁ-LA numa das reuniões das nossas assembleias convencionais. Negar-ma-ão como a quero e preciso.

Essa circunstância, porém, é providencial!

Verba volant, scripta manent! As palavras voam, desvanecem-se. Diluem-se como soido. E já se definiu a memória como a faculdade de esquecer.

O escrito permanece e pode ser, pela leitura, lembrado a qualquer momento.

* * *

NINGUÉM ME MOLESTE! TRAGO NO CORPO AS MARCAS DO SENHOR JESUS CRISTO.

Não é figura de retórica! Trago-as mesmo e como troféus.

Antes de deixar o sacerdócio romano, no palácio, de um bispo, fui seviciado. Torturado. Surrado. Espancado. Aleijado!!! Despojado do maior e mais inefável direito humano...

Pelo clero tenho sido vilipendiado, injuriado, difamado, caluniado... Por ele levado a TRIBUNAIS e enxovalhado com denúncias falsas...

O meu sofrimento por causa do Evangelho me confere uma autoridade incomum, ímpar, excepcional, para, nesta hora de comodismos, pedir a palavra a fim de dizer aos batistas do Brasil o que devem saber.

Se depois quiserem prosseguir pelo atalho tomado, estarei isento de quaisquer compromissos.

Eximir-me-ei, outrossim, da responsabilidade mesmo perante os que não lerem estas páginas porque existe a ignorância culposa a onerar sub grave.

* * *

Ao padre que se afasta do sacerdócio em vista do casamento, se submisso à hierarquia clerical, os bispos amparam com bons cargos. Ao padre que assume essa atitude por se converter a Jesus Cristo, o tratamento é diferente.

Com os primeiros a própria imprensa se preocupa em seus noticiários. E para com os outros a sociedade reserva o maior desprezo. Transforma-os numa verdadeira abjeção...

Abjeção inclusive para muitos evangélicos comprometidos com o mundo.

Reconheço valor positivo nas medidas de prudência adotadas com relação a mim no início do meu ministério. Assim fizeram com Paulo Apóstolo (Atos 9:13-14). *“E, quando Saulo chegou a Jerusalém, procurava ajuntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo”* (Atos 9:26).

Paulo, todavia, teve um Barnabé (Atos 9:27).

Deus, ao querer experimentar-me, deixou-me sem um Barnabé...

Mas, Ele sabe como sofri... Como tenho sofrido!

Os meus anos de ministério, porém, credenciam-me à absoluta confiança. E aquela atitude anterior de reserva, hoje já não se justifica.

É verdade que os ex-padres vindos para o nosso meio sempre foram suburbanizados. (Por que motivos? Justos é que não são!)

Se fosse o contrário, o Dr. Gióia Martins teria sido muito melhor aproveitado para a Causa.

Quem poderá deslustrar o seu valor? Além de haver pronunciado muitas séries de conferências no território brasileiro, onde encontramos tantos convertidos pela sua instrumentalidade, à frente da Primeira Igreja Batista do Brás, em S. Paulo, em 17 anos, levou-a a organizar mais de vinte outras igrejas. Ao seu tempo, quem fez semelhante? E por que não o aproveitaram melhor?

Diz-se que a História é a Mestra da Vida. Será que a História luminosa de Gióia Martins se reduziu à insignificância de uma fotografia na parede de uma das salas do templo da sua última igreja e da Junta do Estado de S. Paulo? Ela não nos oferece lições?

* * *

Não almejo nenhum posto na cúpula denominacional. Longe de mim a pretensão de participar de qualquer casta de privilegiados. Como padre, recusei os dois convites vindos diretamente de Roma para ser bispo e, por várias vezes, as oportunidades de receber títulos honoríficos. Estou fartíssimo de política eclesiástica. E sei que nos redutos evangélicos ela é muito pior do que entre o clero católico romano.

MINHA ÚNICA E ILIMITADA AMBIÇÃO É PREGAR O EVANGELHO PARA A SALVAÇÃO DOS PECADORES. Em 1971, nas campanhas em que preguei, Deus me abençoou com mais de seis mil decisões. Qual outro missionário do Evangelho assim tão abençoado?

Sinto, porém, o desprezo por parte de instituições corrompidas e igrejas comprometidas com a sociedade que não querem desagradar... Comprometidas com a amizade de bispos romanos os quais não querem melindrar... Comprometidas com a onda ecumenista...

Receiam abrir-me suas portas para pregar o Evangelho... “Desconhecem” a minha literatura. Atiram ao silêncio as minhas circulares...

Todas me são conhecidas. Desejo-lhes retorno ao bom caminho. Do contrário, prognostico-lhes derrocada total quando, para serem sinceras —

se pelo menos lhes sobrar um resquício desse sentimento — deverão arrancar dos seus frontispícios o letreiro “Igreja Batista” para colocar em seu lugar este outro: “Clube Social”...

* * *

A sevícia do clero ou o desprezo de alguns evangélicos... A violência dos padres ou a virulência de certos pastores... O enxovalhamento ou o silêncio... Nada disso far-me-á perder a perspectiva do evangelismo. Mas tudo isso aumenta em meu íntimo a capacidade de sacrifício e de combatividade. E ativa a minha ousadia para pregar o Evangelho do a quem doer... E acende na minha alma o fascínio contagiante de uma fé inquebrantável no poder do Evangelho.

SÃO PAULO, na oportunidade da instalação da
54ª Assembleia da CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA,
aos 19 de Janeiro de 1972

.oOo.

AS RAZÕES PORQUE PEÇO A PALAVRA E QUERO SER OUVIDO

PRIMEIRA: *A Determinação de Deus.*

Acomodar-me por receio de desagradar alguém seria trair minha consciência e a fidelidade devida por mim à Soberana Vontade de Deus.

Se Jesus Cristo é o meu Senhor, cumpre-me submeter-me à Sua orientação impostergável.

SEGUNDA: *A convicção que me vinculou a uma Igreja Batista.*

Convertido em 8 de novembro de 1961, afastei-me do ministério eclesiástico romano em 12 de maio de 1965. Três anos e meio após!

Prenderam-me ao catolicismo por todo esse tempo vários motivos, dentre os quais o desejo de reformar a religião do meu sacerdócio. Falava-se muito em “aggiornamento”, atualização, e em retorno às fontes a serem empreendidos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, cuja preparação se intensificava e se apressava. Percebendo posteriormente a inviabilidade desses propósitos como eu os concebia e não suportando mais a situação que me obrigava a praticar, como sacerdote, as funções nas quais não cria,

em consciência senti-me na necessidade de retirar-me. Mas para onde ir? A que grupo religioso ligar-me?

Nessa circunstância fui examinar em livros católicos escritos para combatê-las, as doutrinas distintivas de cada denominação evangélica e protestante.

Ao estudar as doutrinas características das igrejas batistas, verifiquei a sua concordância com o Novo Testamento, máxime quanto à eclesiologia e à teologia da salvação.

Pelo fato de, em minhas idas a Santos, Estado de S. Paulo, ao celebrar missas na catedral romana situada na Praça José Bonifácio, haver notado o templo da Primeira Igreja Batista daquela cidade, localizado na mesma Praça, resolvi, destituído de qualquer apresentação, procurar o seu pastor. Em certa noite dos meados de novembro de 1964, fui procurá-lo desconhecendo-lhe inclusive o nome.

Ao invés de fazer-me ele perguntas, quem as fez fui eu. Queria certificar-me das doutrinas e práticas adotadas por aquela Igreja a ver se concordavam com aquilo que eu entendia como batista.

E, ao constatar essa identidade, num culto de domingo, atendi ao apelo, fazendo minha pública decisão por Cristo e 15 dias após submeti-me ao batismo bíblico.

Durante os três anos e meio permanecidos no exercício do sacerdócio católico depois de minha conversão, que, aliás se deu exclusivamente pelo exame das Sagradas Escrituras, estudei-as com afinco.

Devo ressaltar quatro aspectos muito importantes que, dentre outros, me chamaram a atenção às Igrejas Batistas:

1— O seu espírito eclesial ao reconhecer na Igreja Invisível o Corpo de Cristo, de que fazem parte todos os salvos e que se materializa ou se torna visível, para atender os reclamos de nossa personalidade composta também de matéria, em Igrejas locais. Organizam-se estas como repúblicas autônomas, independentes e democráticas.

2— O batismo de crentes e por imersão.

3— O apego à Bíblia como Palavra de Deus. As Igrejas Batistas aceitam a Bíblia, não apenas como contendo a Palavra de Deus, mas como Palavra de Deus, a Fonte Plena, Completa e Única da Revelação Divina, a dispensar quaisquer outras fontes rotuladas com títulos pomposos como tradição patrística ou magistério eclesiástico.

4— A ênfase dada à soterologia, ou seja, ao plano de salvação do pecador exclusivamente pela fé em Cristo, o Único e Todo-Suficiente Salvador.

Nessa circunstância fui examinar em livros católicos escritos para combatê-las, as doutrinas distintivas de cada denominação evangélica e protestante.

Absolutamente fora da minha vinculação a uma Igreja Batista o aventureirismo, o oportunismo e o acaso. E ninguém me chamou!

ESTOU NUMA IGREJA BATISTA POR ABSOLUTA CONVICÇÃO.

Suponho que só este fato me daria autoridade suficiente para tratar do assunto, objeto deste pequeno livro.

TERCEIRA: *O meu crédito diante das Igrejas Batistas.*

Eis o outro fator sumamente importante porque peço a palavra e quero ser ouvido. O meu crédito lastreado num ministério de vários anos. Vívidos e vividos!

Ao dar os primeiros passos no sentido de deixar o ministério sacerdotal romano, foram-me oferecidas excelentes oportunidades de trabalho porque, além de ser formado em teologia por uma faculdade da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, fiz o curso de Ciências Jurídicas e de Psicologia em escolas superiores. A todos recusei, inclusive um pastorado local de dois anos, a fim de atender o chamado do Senhor para o ministério de pregador ambulante do Evangelho. Nenhum outro interesse e nenhuma outra preocupação me envolvem senão a de ir, qual cigano do Evangelho, de cidade em cidade, proclamando que SÓ CRISTO SALVA O PECADOR!

No cumprimento desse ministério tenho renunciado o conforto justo e humano da permanência no lar, enfrentado duras perseguições gastado energias em longas viagens, arriscado minha saúde já combalida por uma dificuldade cardíaca congênita. Sinto-me, porém, compensado — e altamente compensado! — com os frutos de milhares e milhares de conversões através desse ministério totalmente submisso ao Espírito do Senhor, inteiramente consagrado à glória de Jesus e absolutamente voltado e votado para a salvação das almas.

Jamais pleiteei posições de mando ou de direção em nenhum departamento denominacional. Desiludido de toda e qualquer política eclesiástica, nunca ambicionei a tutela de qualquer posto. Jamais o amparo financeiro de qualquer órgão da Convenção Batista Brasileira veio ao encontro das minhas necessidades materiais.

Sinto-me cabalmente capacitado para expender esta mensagem ao povo batista do Brasil numa hora de tanta confusão religiosa a estontear os imaturos e sentimentaloides.

QUARTA: *O meu passado de sacerdote romano.*

Quinze anos e meio de sacerdócio ocupando vários cargos de elevada importância, após haver feito todo o curso do seminário onde o estudo é levado a sério.

Por dentro, pelo estudo e pela experiência, conheço o catolicismo romano: suas doutrinas, suas práticas, seus métodos, seus objetivos, sua política, sua organização, suas táticas e suas manhas.

* * *

Todos esses motivos me oferecem autoridade para transmitir esta mensagem.

Escrita com ardor característico de um apaixonado pela Causa que abraçou, de modo algum, ela escapa da realidade objetiva dos fatos.

Ela deve, por isso, ser analisada à luz desses sinais.

Esta mensagem é um clamor. Clamor angustiante de quem assiste o terrível envolvimento de que é vítima o povo batista.

Ela deve, então, ser ouvida com a mesma sinceridade com que foi escrita.

É, outrossim, uma séria advertência!

Deve, portanto, ser meditada e acatada antes que seja tarde demais.

De uma coisa estou seguro. Acata-la-ão e acautelar-se-ão os AJUIZADOS.

E os fatos se encarregarão de nos dar razão diante dos insensatos autossuficientes.

.oOo.

O MAIS POTENTE PETARDO DO ARSENAL PONTIFÍCIO

SE O VATICANO é um prodigioso laboratório de alquimia em cujas retortas, a passe de mágica, se criam dogmas e preceitos, transformou-se também num verdadeiro e fabuloso paiol a armazenar as armas mais cruéis. De seu labirinto saíram os instrumentos da Inquisição, célebre pela perversidade.

Nesta época, porém, quando se generalizou a estupidez humana porque a maioria, supostamente esclarecida pelos noticiários resumidos da imprensa “dirigida”, quer falar e discorrer sobre todos os assuntos sem entenderem nada de nada, a hierarquia clerical tem na BOMBA D — A BOMBA DA DESINFORMAÇÃO — seu mais potente petardo.

O catolicismo romano se beneficia formidavelmente dessa bomba superpotentíssima, capaz de demolir toda e qualquer barreira levantada para lhe interceptar as pretensões.

A sua espetacular rede de emissoras, já ascende a mais de 200 espalhadas por todo o País, se encarrega de servir-lhe ao oportunismo, atirando a fantástica BOMBA D em todas as áreas ambicionadas por sua ganância pantagruélica.

Os crentes desinformados sobre os reais objetivos do ECUMENISMO e de suas táticas prestam-lhe um serviço valiosíssimo. Transformam-se em

seus instrumentos para derribar os obstáculos e abrir-lhe caminho livre e desimpedido.

Promovem-se às vezes estudos sobre doutrinas heréticas: russelita, sabatista, astrologia, rosa-cruz... Sobre catolicismo, nada! Quando esta doutrina é a base de todas as outras.

A hierarquia romana aprecia sobretudo este nosso desinteresse em conhecer-lhe a teologia.

Desinformados, os crentes se prestarão com mais eficiência às suas manhas.

O romanismo não cede em seus dogmas, mas as suas táticas mudam e são CAMALEONICAMENTE aplicadas de acordo com as circunstâncias. Por isso há pessoas que afirmam ser o catolicismo na Holanda, por exemplo, bem diferente do catolicismo na Itália. Engano! É o mesmo. Em cada região ele se amolda às circunstâncias para melhor se impor.

Há uns anos passados um missionário norte-americano me informava ser o romanismo em sua terra totalmente diverso em relação ao posto em praticaseiro nem supersticioso. Dizia-me que lá nos Estados Unidos também o catolicismo sofre a influência da Bíblia (???), de sorte que jamais ele vira uma procissão nas ruas de sua cidade e nem uma imagem à beira das estradas.

Meses depois aquele missionário foi passar um ano em sua pátria e, ao voltar, fui procurá-lo.

Nunca visitei aquela nação. Sei, contudo, qual o interesse do Vaticano sobre ela. Sei quais as suas manhas para se infiltrar e depois minar a vida religiosa daquele povo.

De regresso, aquele irmão me contou, estarrecido, as novidades encontradas em sua terra. Ele viu procissões nas ruas da sua cidade, cuja população já acha normal. Viu nichos iluminados com imagens nos terraços de muitas residências. Viu “nossas senhoras” à beira das estradas. Viu flâmulas e imagens de “são Cristóvão” (e já está cassado!) em automóveis.

Minha gente, o catolicismo não muda. É o mesmo. A sua aparente diferença de região para região é por simples manha.

Ele não é influenciado. Nem influenciável!

Às vezes se submete temporariamente para se infiltrar, minar e dominar. Exemplo disto — e desgraçadamente exemplo bem frisante — está nos Estados Unidos!

O romanismo sabe aproveitar-se da simplicidade alheia e da desinformação para envolver e permear os ambientes visados pela sua ganância.

Jamais a BOMBA D — a da desinformação — foi utilizada como hoje e com os mais espetaculares e surpreendentes resultados.

Generalizou-se, sob a explosão dessa bomba D, a impressão de que o Concílio Ecumênico Vaticano II assumiu a incumbência da reforma das estruturas eclesiásticas cedidas, moldando-as à conjuntura atual, bem

como a reformulação de sua dogmática, objetivando escoimar-se de certas teses por força de circunstâncias assimiladas, contrárias às Escrituras.

A BOMBA D, lançada nos redutos batistas, explodiu causando rombos enormes por onde, em aluvião, penetram as lavas medonhas do ecumenocentrismo.

E se URGENTEMENTE não erguermos comportas que barrem essa inundação, dentro de pouquíssimo tempo, constituir-nos-emos em irrisão e escárnio para a nuvem de testemunhas da Fé alcandorada pelos nossos antepassados.

Se, depois da leitura destas páginas, os batistas brasileiros continua-rem atordoados pelo tonitroar da BOMBA D, ASSUMIRÃO TODA A RESPON- SABILIDADE DA MAIS VILIPENDIOSA TRAIÇÃO PERPETRADA CONTRA O EVANGELHO.

.oOo.

OBJETIVO CONCENTRACIONÁRIO DO ECUMENISMO

IMPOSSÍVEL ENFOCAR-SE O ASSUNTO sem se levar em conta a grande linha divisória entre o Evangelho e o paganismo.

Enquanto o Evangelho requer para a salvação do pecador exclusivamente a sua fé, a sua confiança, em Jesus Cristo, como ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR, cujos méritos decorrentes do Seu Sacrifício na Cruz são de valor infinito, o paganismo ensina a necessidade das “boas obras”.

Entre o catolicismo e o paganismo a diferença consiste apenas no aspecto da nomenclatura.

Com efeito, o catolicismo exige, acrescidas à fé em Cristo, as obras: esmolas, penitência, ritos, sacramentos, devoções, igreja, guarda de certos dias etc. Nega, evidentemente, a Todo-Suficiência do Sacrifício de Cristo, porquanto exige-lhes as achegas de ritos cabalísticos (sacramentos), da cooperação de outros personagens (santos), da ajuda de Maria, da interferência da hierarquia clerical, do fogo acrisolador do purgatório, do poder das indulgências e do concurso do próprio pecador.

Como decorrência lógica desse princípio basilar cujas raízes históricas se fincam na manifestação dos judaizantes (Atos 15:1, 5; Gálatas 2:11-14), a teologia católica recusa a segurança eterna de salvação já neste mundo.

Aquela vida eterna prometida por Cristo, segundo essa dogmática, é transitória porque o pecador perde-la-á com os seus pecados “mortais”. É, outrossim, intermitente, pois, se perdida, readquirir-se-á mediante o sacramento da confissão. Ocorrendo, ainda a sua perda, a reconquista se efetivará pelo mesmo processo sacramental. Uma espécie de gangorra!

Nesse caso, logicamente, a salvação depende do próprio pecador.

O nome de Jesus Cristo serve somente para pretextar o nome de cristianismo.

O catolicismo, por conseguinte, é o próprio antievangelho nascido com os judaizantes e estendido séculos em fora.

O catolicismo adultera o Evangelho. O catolicismo abastarda o Evangelho. O catolicismo altera o Evangelho. O catolicismo degenera o Evangelho. O catolicismo corrompe o Evangelho. O catolicismo envilece o Evangelho. Deturpa-o! Avilta-o!!!

O catolicismo anula o Evangelho!!!

POR ISSO, O CATÓLICO NÃO É CRISTÃO!!!

Nenhum pecador jamais poderá encontrar no catolicismo a salvação. Para o católico, Cristo de nada aproveita (Gálatas 5:2).

Pois bem, todas as seitas, embora mascaradas de cristianismo, ao requererem o concurso de adendas à fé em Cristo para que alguém se salve (???), fazem parte do catolicismo.

Este catolicismo se divide em inúmeras seitas: a igreja romana, a igreja grega ortodoxa, a igreja ortodoxa russa, a igreja anglicana, a igreja luterana, a igreja católica argentina, a igreja católica venezuelana, a igreja católica polonesa, a igreja católica japonesa, a igreja católica de Antioquia e muitas outras.

No Brasil, além da romana, há ainda a igreja católica brasileira, a igreja católica restaurada, a igreja católica livre, a igreja católica unida, a igreja católica americana.

Para melhores esclarecimentos, reportamos os nossos leitores ao capítulo 11 do nosso livro: **O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS.**

O catolicismo é tão insidioso que tem seitas inclusive nos grandes grupos do protestantismo histórico e até entre os evangélicos, pois entre os próprios batistas há uma ala que reconhece a possibilidade da perda da salvação por parte do crente. Ora, se este pode perder a salvação, insistamos, é porque essa salvação depende do concurso do próprio pecador. É salvação pelas obras! Esta doutrina é antievangélica! É catolicismo!!!

* * *

De todas as seitas católicas a mais importante pelo seu número de adeptos, pelas maiores áreas de sua influência, pelo seu fabuloso poder econômico-financeiro, pelo seu poderio político, pela sua estrutura clerical é o catolicismo romano, cuja sede central se constitui num país soberano e independente: o Vaticano.

Ao pretender a revivescência das ideias e sentimentos do Imperialismo Ecumênico de Roma, o catolicismo romano corrompe e desvirtua o conceito da eclesiologia neotestamentária, transformando o papa — o seu César Augusto — em fundamento visível da sua unidade ecumênica.

Sobre este assunto de teor histórico, o capítulo 11 do nosso livro **SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?** revela identidade entre os dois imperialismos ecumênicos: o romano e o pontifício.

Considera-se o papa ou sumo pontífice o vigário de Cristo revestido com características poderes (governo, jurisdição e magistério) e com o dom da infalibilidade.

Como César de uma hierocracia, a mais importante da terra em virtude do seu poderio político-financeiro e na petulância de ser o sucedâneo da organização do Império Romano, PLEITEIA O PAPA A UNIDADE ORGÂNICA DE TODAS AS OUTRAS SEITAS CATÓLICAS SOB A SUA AUTORIDADE.

O ECUMENISMO TEM COMO TAREFA MOBILIZAR TODOS OS EXPEDIENTES EM VISTA DESSE OBJETIVO UNIONISTA.

O cardeal Ernesto Ruffini, na assembleia de 18 de novembro de 1963 do Concílio Vaticano II, assim definiu — e muito bem — o ecumenismo: “UM APOSTOLADO ESPECIAL PARA A OBTENÇÃO DA UNIDADE SOB A AUTORIDADE DO PAPA”.

O primordial intento do ecumenismo é levar as áreas católicas distantes da comunhão romana a se renderem ao olimpo do Vaticano, o papa, o CENTRUM UNITATIS (o centro da unidade).

De grande valia é a leitura dos nossos livros sobre o assunto: **SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?** e **O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS**. Neles, com farta documentação, demonstramos o intento concentracionário do Vaticano ao propor aos católicos dissidentes de Roma se integrem na sua comunhão por reconhecer no papa o centro polarizador da unidade ecumênica. “O ROMANO PONTÍFICE, COMO SUCESSOR DE PEDRO, É O PERPÉTUO E VISÍVEL PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DA UNIDADE, QUER DOS BISPOS QUER DA MULTIDÃO DOS FIÉIS” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 23).

* * *

Supõem os desavisados e os queimados pela BOMBA D haver vários ecumenismos, inclusive um entre os evangélicos e protestantes encampado pelo Concílio Mundial de Igrejas.

Engano!

Toda a ação ecumênica — TAMBÉM A EMPREENDIDA NAS ÁREAS PROTESTANTES — se encaminha inexoravelmente para o vaticano centrismo.

Prova-o a própria curta história do movimento ecumenista entre os protestantes (cf. o capítulo 15 do livro **SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ**

OS CRISTÃOS? e o capítulo 3 de O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS).

Prova-o o próprio Concílio Mundial de Igrejas por meio do 2º Relatório do Grupo Misto de Trabalho, composto de protestantes e católicos, ao enfatizar repetidamente que “o movimento ecumênico é único”.

Aliás, o secretário geral desse Concílio, Carson Blake, ao saudar Paulo VI quando de sua visita, em 10 de junho de 1969, à sede dessa instituição ecumenista, declarou: “A visita de vossa santidade é significativa, pois proclama a toda a Igreja e ao mundo todo que o movimento ecumênico avança a passos cada vez mais largos e conscientes em direção da unidade da Igreja”.

Mediante fatos e documentos, nos capítulos 3 e 7 do livro O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS, de nossa lavra, demonstramos que A MARCHA DO CONCÍLIO MUNDIAL DE PARA ROMA É INTERCEPTÁVEL, HAJA VISTA SER ÚNICO O MOVIMENTO ECUMÊNICO QUANTO À SUA META VATICANOCENTRISTA.

.oOo.

OS BATISTAS PERANTE O VATICANOCENTRISMO

É DO CONHECIMENTO dos batistas brasileiros a atitude oficial da CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA quanto ao objetivo vaticanocentrista do ecumenismo.

Na sua 50ª Assembleia Anual, celebrada em janeiro de 1968 na cidade de Fortaleza, votou-se uma longa moção antiecumenista.

No Conclave de janeiro de 1969, reunido em Niterói, o seu orador oficial, Dr. Ebenézer Gomes Cavalcanti, apresentou a tese: OS BATISTAS E O ECUMENISMO, posteriormente enfeixada em livro editorado sob o mesmo título pela Casa Publicadora Batista, arrematada com a seguinte conclusão: “Os batistas do Brasil, fiéis à Bíblia e coerentes com sua firme posição doutrinária e intransigentes na manutenção de seus princípios, recusam participar das atividades diretas ou indiretas do movimento ecumênico pró-unidade cristã”.

Segundo a MENSAGEM DOS BATISTAS PARA O MUNDO ATUAL, do Dr. J. Reis Pereira, inserida nos Anais da 52ª Assembleia, acontecida de 21 a 28 de janeiro de 1970, “a primeira tomada de posição da 52ª Assembleia

da Convenção Batista Brasileira foi contra o *movimento ecumenista*. Por mais de uma vez e pela palavra de dezenas de oradores, a Assembleia manifestou-se contra esse movimento que, sob a aparência de amor cristão e boa vontade evangélica conduz, entretanto, para o desfiguramento do Cristianismo de Jesus Cristo. Do que se ouviu nesta Assembleia, podemos deduzir, sem possibilidade de dúvida, que os batistas brasileiros são contra o ecumenismo.

Com efeito, o batista rejeita o ecumenismo quanto à sua pretensão unionista, concentracionária, por muitas, profundas e intransponíveis razões. Ressaltaremos apenas duas, entre as tantas, de ordem doutrinária.

PRIMEIRA: *A de aspecto soterológico.*

Os batistas admitem intransigentemente a *sola fide*. A salvação provém exclusivamente pela fé em CRISTO, ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR.

Segundo as Escrituras, como Único Salvador, Jesus Cristo prescinde de adendas, de achegas, de aditamentos, de suplementos, de algo mais, ao Seu Sacrifício de valor infinito. Sacrifício, portanto, Irrepetível. Irrenovável!!!

Desaprovam o ecumenismo concentracionário porque recusam o antievangelho!

SEGUNDA: *A de ordem eclesiológica.*

Absurdo aceitar o concentracionarismo ecumenista por quem reconhece a organização eclesial neotestamentária. Da IGREJA UNI-VERSAL INVISÍVEL — o Corpo de Cristo — fazem parte todos os salvos por Cristo. E somente os salvos. Como povo de Deus, enquanto peregrinos neste mundo, eles se congregam em igrejas, que à semelhança de repúblicas, são autônomas e independentes entre si, e se governam por si mesmas em regime democrático.

A união com Deus, portanto, é que produz a verdadeira unidade espiritual entre os salvos pela fé em Cristo Jesus.

Ele, a Única Religião, é o Único Centro Magnético a atrair e a unir todos os cristãos! “*Todos vós sois um em Cristo Jesus*”, proclamava Paulo (Gálatas 3:28). E estes, enlaçados espiritualmente na imensa unidade da Família dos filhos de Deus (II Pedro 1:4) — a IGREJA ESPIRITUAL E INVISÍVEL — na aspiração de gozar da Face de Deus e sentir a presença amorável do Salvador (Mateus 18:20), de fomentar o amor fraterno (Atos 2:42, 44, 46) e multiplicar o número dos salvos (Atos 8:1; Gálatas 1:22 e I Tessalonicenses 2:14), se agrupavam em comunidades locais, democráticas e independentes entre si, denominadas de IGREJAS (Atos 15:41; 16:5; Romanos 16:4,16; 1 Coríntios 7:17; 11:16; 14:33, 34; 16:1,19; 2 Coríntios 8:18, 19, 23, 24; 11:8, 28; 12:13; Gálatas 1:2,22; 1 Tessalonicenses. 1:4; Apocalipse 1:4, 11, 28; 2:7, 11, 17, 23, 29; 3:6, 13, 22; 22:16).

Congregados em igrejas, os salvos se unem no amor de Jesus Cristo, pois a autonomia das igrejas não monta barreiras entre eles, como as diversas e muitas famílias constituídas pelos liames de sangue não dividem a sociedade, mas a compõem. Todas as igrejas se entendem e cooperam mutuamente por se subordinarem ao seu ÚNICO LÍDER, JESUS CRISTO!

Na vivência eclesial, que não se circunscreve apenas aos atos de culto, mas se derrama em todas as suas atividades, os salvos devem se emular no cumprimento do *“amai-vos uns aos outros”*.

As dissensões acontecidas provêm da nossa miséria humana e não por qualquer falha do plano eclesial neotestamentário. Aliás, as dissensões no seio dos imperialismos religiosos atrelados à autoridade de um papa, ou de um patriarca, são muito mais sérias porque provenientes de ambições políticas.

Unidos a Cristo pela graça salvífica e, por isso, unidos entre si pelo amor, cujo protótipo é a unidade entre o Pai e o Filho, os salvos, congregados nas assembleias locais, testemunham perante o mundo.

Um em Cristo, os salvos têm a incumbência de revelar em atitudes o seu amor mútuo para que o mundo creia que Jesus é o enviado do Pai (João 17:21): *“Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”* (João 13:34-35).

A unidade estabelecida por Cristo acontece na estrutura espiritual da Sua Igreja por ter ela o próprio Cristo como cabeça e fundamento (Efésios 5:23; 1 Coríntios 3:11).

Fora de Cristo, nenhum nome poderá aglutinar os salvos! Nem um soberano religioso identificado com os poderes e as riquezas da terra.

Em Cristo o amor sobrepuja todas as arestas e vence todas as barreiras, ultrapassa todas as distâncias e supera todos os desnivelamentos sociais.

Em Cristo — e somente em Cristo — o amor promove o inefável relacionamento de todos os salvos porque nEle crentes.

Em Cristo — e somente em Cristo porque, pelo amor, nEle os salvos estão — se efetiva por parte do Pai o atendimento de Sua súplica: *“Pai Santo, guarda em Teu Nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós”* (João 17:11).

Guardados no Nome Santo do Pai — e não no nome de um imperialismo religioso — é que os salvos se congregam naquela unidade estabelecida pela amorável atração do Salvador.

A causa exemplar dessa unidade, aliás, é a própria unidade espiritual, indefectível e eterna, entre o Pai e o Filho. *“Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também ELES SEJAM UM EM NÓS: Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade”* (João 17:21 e 23).

* * *

Estes princípios eclesiológicos sempre com insistência lembrados acautelarão os batistas DIGNOS DESTE NOME quando convidados para reuniões ecumênicas de oração *pro unitate*.

À vista da eclesiologia neotestamentária, essas reuniões se constituem em ridículo, pois não se pode pedir a Deus uma coisa que con-trarie frontalmente a Sua Vontade e o Seu Plano eclesial. E o que se dirá da presença de pastores batistas em reuniões de oração *pro unitate* como ocorreu na Guanabara ainda em 1971?

Foram rezar pela fusão de todas as igrejas numa só Grande e Única Igreja Universal Visível debaixo da autoridade do papa: *centrum unitatis*. Foram implorar pela autocracia papal!!! Não é o cúmulo da quadradice? Da pratzex?

* * *

Inviável, à luz das suas doutrinas, a aceitação por parte dos batistas do ecumenismo enquanto marcha para o vaticanocentrismo. A imiscibilidade, no caso, é decorrência lógica, racional, de seus princípios.

Na sustentação dos seus princípios característicos — consentâneos, repita-se, com o Novo Testamento e com toda a Bíblia! — em suas Assembleias nacionais, eles têm votado moções antiecumenistas.

NA PRÁTICA, TODAVIA, OS BATISTAS BRASILEIROS DESGRAÇADAMENTE COMPRO- METEM-SE COM A AÇÃO ECUMÊNICA. ACEITAM E FAZEM, QUAIS INOCENTES ÚTEIS, A JOGADA ECUMENISTA.

* * *

Perdoem-me! Ali no lugar de INOCENTES ÚTEIS quase que coloquei QUINTA-COLUNAS.

* * *

Neste sentido é que este livro se constitui num brado de alerta. É a clarinada de um atalaia convocado e posto por Deus sobre as muralhas dos nossos arraiais a avisar o eminente perigo ameaçador.

Altas horas da noite, o toque de alerta do clarim assusta. Incomoda. Traz-nos sobressaltos...

Quando tantos taceam nas trevas ecumenizantes, este brado incomoda-los-á. Mas que, despertos de sua inconsciência e do engodo, possam servir a Causa de ganhar almas para o Santo Reino de Deus...

Se isto ocorrer, embora censurado pelos autossuficientes balofos — essas censuras, aliás, dada a sua origem, constituem-se-me em reconfortante estímulo! — dar-me-ei por recompensado e feliz por haver cumprido meu dever.

.oOo.

OS BATISTAS BRASILEIROS NA MIRA DO ECUMENISMO

Os LUMINOSOS EXEMPLOS dos cristãos primitivos quanto ao cumprimento da gloriosa COMISSÃO: IDE, PREGAI..., incitava à combatividade evangelizante os batistas, cujo passado alteia numa torrente de heroísmo na refrega de ganhar almas para Cristo.

* * *

Em prodígios de audácia, aqueles discípulos encheram Jerusalém do Evangelho (Atos 5:28).

Tangidos pela perseguição, alastraram a Mensagem Salvífica por toda a parte (Atos 8:4).

O sofrimento atiçava-lhes a ousadia. Enrijecia-lhes a capacidade de sacrifício. Acicatava-lhes o entusiasmo...

A Igreja de Antioquia, a primeira da gentildade, esbraseada em sonhos de galardões diante da acutilante Empreitada Soberana, se antecipou a enviar a outras paragens Saulo de Tarso e Barnabé, os seus missionários.

Ler e meditar Atos dos Apóstolos, aplicando à nossa vida os seus exemplos, é manter acesa a flama do ativismo evangelístico.

* * *

O exemplo de Paulo é a atração!

Sua vida é uma gloriosa epopeia épica na pregação do Evangelho e se torna para os discípulos de todos os tempos em fascinante estímulo.

Militante intemorato, missionário por antonomásia, levou a Mensagem Salvífica aos mais distantes rincões. Chipre. Perga de Panfília. Antioquia da Pisídia. Icônio. Listra. Derbe. Cilícia. Frígia. Galácia. Troas. Filipos. Tessalônica. Bereia. Atenas. Corinto. Éfeso. Grécia.

Açoitado, preso, apedrejado, naufragado, perseguido, seviciado, injuriado, nada o esmorece.

Prega em todas as circunstâncias e em todos os lugares. Nas sinagogas. Nas praças públicas. À margem dos rios. No Aerópago. Nas estradas. No bojo dos navios. E a sua voz ressoa até no fundo de uma cadeia a bradar o Evangelho a um carcereiro aflito: “*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo*” (Atos 16:31).

* * *

Todas as regiões do mundo naqueles primórdios ouvem o Evangelho. Nem o orgulho de Roma, a soberba capital do Império Ecumênico impede de que ele ressoe entre as suas colinas.

Carentes dos atuais recursos mecânicos de divulgação e dos meios técnicos de locomoção, aqueles nossos irmãos em Cristo, possuíam o ardor missionário estimulado e revitalizado pelos sofrimentos.

Quando alguém em oração agradece a Deus a liberdade que gozamos não respondo *Amém* por que sinto a necessidade urgente de sermos sacudidos pela perseguição.

* * *

Foram-se promovendo à glória aqueles discípulos primitivos e multidões de outros continuaram a imponente incumbência de pregar o Evangelho às gerações que se sucediam ao longo da História.

Sempre e sempre a pregação do Evangelho foi fecundada pelas perseguições...

Sempre e sempre a violência tentou obstacular-lhe o avanço. Produziu sempre e sempre efeito contrário porque a violência sempre e sempre atiçou e escandiu o ânimo sôfrego dos discípulos.

A Inquisição, de sinistra memória, com as suas masmorras, os seus cadafalsos, os seus cutelos, suas fogueiras, seus torniquetes, sacrificou centenas de milhares que hoje se constituem na esplêndida nuvem de testemunhas a prolongar aquela nuvem mencionada em Hebreus 11.

O cumprimento da Grande Comissão é um círculo vitorioso de valentia e de lutas, de bravura e de violências, de opressões e sofrimentos... De grandeza na conquista de almas para Jesus Cristo!!!

* * *

A História dos Batistas é uma torrente heroica de sangue! Sangue generoso que fecundou o seu estupendo ministério evangelizante de longos séculos...

Os seus missionários escalaram montanhas, transpuseram rios, embrenharam-se pelas florestas, arrostaram toda a sorte de sacrificios ao penetrarem regiões inóspitas, cruzaram os sertões, sobre-pujaram enfermidades endêmicas e tropicais, afrontaram o poder clerical mancomunado muitas vezes com os poderes civis... De rijo combateram a idolatria e a feitiçaria... Rejeitaram a tática cômoda de se anunciar doutrinas sem colocar sob a luz da Bíblia os erros religiosos. Procederam a exemplo de Paulo, o maior missionário não só pela amplitude de sua jornada, mas também e sobretudo pela sua intrepidez em trazer à luz do Evangelho, os erros para profligá-los.

Quantos crentes preteridos! Quantos espezinhadados! Quantos transferidos!

Quantos crentes tiveram de se mudar de cidade porque o comércio nada lhes vendia!

Quantos crentes viram os seus justos interesses postergados!

Quantos crentes desrespeitados em suas merecidas reivindicações!

Quantos crentes humilhados ao verem as portas das escolas fechadas para os seus filhos!

Quanta má vontade, quanta dilação, quanto escárnio sofreram naquele tempo os nossos irmãos em Cristo!

Quantos templos batistas incendiados, destruídos, apedrejados!

A nossa curta história no Brasil é uma esteira de lutas, de sofrimentos, de sangue... Já é uma esteira de heroísmos!!!

Os crentes mais antigos nos relatam ainda as peripécias das perseguições e as atas das primeiras igrejas nos transmitem informes sobre gloriosas aventuras.

Notabilizou-se, porém, o surto evangélico ocorrido na década de 50 e início da de 60, causando sérias preocupações aos hierarcas vaticanos instalados na América Latina a serviço de sua seita. Em 1955, na oportunidade do Congresso Eucarístico Internacional, celebrado no Rio de Janeiro, reuniram-se para confabular e adotar medidas repressoras. Em resultado, uma onda de violência contra os evangélicos e, de maneira especial, contra os batistas varreu o nosso Continente, sobretudo em cidades interioranas. Qual o evangélico brasileiro que não se recorda de alguma perseguição no período de 1955 a 1962? Eu próprio, quando vigário em Guaratinguetá, em princípios de 1961, acatando ordens superiores, comandi uma obra de vandalismo contra um templo evangélico.

* * *

Em virtude da falência do romanismo na Europa — e como exemplo citamos a Itália, onde o papa com todo o seu poder político e financeiro, e apesar de ser a sua seita a religião oficial, viu-se frustrado em seus esforços de barrar a implantação do divórcio — o Olimpo do Vaticano, com insaciável cobiça e grande esperança, olha para o Continente Latino Americano e, de maneira especial e particular, para o Brasil.

Por ser reputado o Brasil como a maior nação católica do mundo e em vista de sua impressionante explosão demográfica, prognostica o papa ser o catolicismo em nosso País o líder do catolicismo mundial. E, se recusar essa incumbência, ficará o catolicismo sem liderança no Ocidente. O Capítulo 17 do nosso livro **O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS** trata extensamente deste assunto.

Reconhece-se malograda a hierarquia vaticana em suas tentativas pela violência de subjugar os crentes. Frustrâneos lhes foram os métodos inquisitoriais.

Por outro lado, nem o comunismo lhe causa sobressaltos como o surto evangélico no Brasil.

Sente-se na urgência de reprimir a audácia dos crentes em pregar o Evangelho.

Como padre, trabalhei oito anos no Recife, Pernambuco. Tive oportunidade de assistir as reuniões anuais dos bispos romanos do Nordeste. Assistia-as em Natal, no Recife, em Salvador, em João Pessoa, em S. Luís, em Campina Grande e em Fortaleza. Em todas elas, como um refrão de preocupações, vinha à baila o problema criado pelo desenvolvimento dos batistas. O trabalho deles era responsável pelas noites insones dos ordinários nordestinos.

Longe de ser desrespeitoso o termo *ordinário*. É a expressão canônica para designar o bispo diocesano.

O sr. Antônio de Almeida Morais Júnior, ordinário da arquidiocese romana do Recife, naquela época, se exaltava em gestos histéricos por lhe ser impossível a força para reprimir o desenvolvimento batista na Grande Recife. O velho cardeal Álvaro Silva, de Salvador, por seu turno, resmungava impropérios porque “esses bodes” proliferavam no interior baiano.

Naquele tempo houve uma polêmica por um jornal da Capital Pernambucana entre o Dr. Munguba Sobrinho, pastor da Igreja Batista da Capunga, um dos eminentes obreiros deste País, e o Dr. Antônio Pimentel, católico fervoroso. Sabem quem escrevia as arengas assinadas por Pimentel? O sr. Morais Júnior! Quantas vezes fui eu mesmo ao jornal levá-las... O advogado carola era simples testa-de-ferro, atrás de cujo nome se escondia o arcebispo feroso.

As denominações evangélicas ligadas ao Protestantismo histórico foram e são sempre mansinhas. Crescem vegetativamente pelo batismo dos filhos dos membros de suas igrejas e “jamais se deram ao incômodo de conquistar adeptos”. Nunca tiraram o sono dos ordinários!

Os batistas, além de se caracterizarem pelo “sectarismo”, conforme a hierarquia romana e o Concílio Mundial de Igrejas cognominam o evangelismo, têm em seu meio os PADRES APÓSTATAS para maior desespero clerical.

Em que pesem as poucas oportunidades que a Convenção Batista Brasileira lhes tem oferecido e o pouco que ela tem aproveitado deles, somente a sua presença em nosso meio já atormenta os hierarcas romanistas povoando-lhes as noites de pesadelos.

Morava no Recife, quando andou por lá certa feita o Pastor Gióia Martins. Como o nosso amantíssimo ordinário Morais Júnior praguejou!

Para o episcopado brasileiro, e sobretudo do Nordeste, onde o trabalho batista mais se incrementava, o nome batista se apresentava como um terror.

O problema adquiriu dimensões alarmantes que chegou a ser considerado atentamente pela CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americana).

Em suas reuniões — muitas das quais assisti — os prelados nordestinos examinavam o “problema” sob todos os ângulos e, ansiosos, discutiam possíveis soluções.

Foi nesta atmosfera de apreensões que o Concílio Ecumênico Vaticano II deflagrou o movimento ecumenista.

O papa é o indivíduo mais inteligente do mundo. Diabolicamente inteligente!

O que a violência da Inquisição não conseguiu, o conseguiria a virulência da blandícia.

As perseguições no passado incentivaram, estimularam, acicataram, incitaram os crentes ao ativismo evangelístico (proselitismo ou sectarismo,

conforme os hierarcas vaticanos e o Concilio Mundial de Igrejas). A *blandícia, o sorriso, a amizade, a fraternidade, a política da boa vizinhança nos moldes ecumenistas, afrouxaram, amaciaram, abananaram os batistas.*

OS BATISTAS NÃO PREOCUPAM MAIS OS BISPOS ROMANOS NO BRASIL, SOBRETUDO OS DO NORDESTE.

O sr. Eugênio Sales, anteriormente arcebispo dos católicos em Natal, Rio Grande do Norte, onde o conheci, foi escolhido a dedo e mandado para Salvador com a missão específica de ecumenizar os batistas do Estado Baiano. E conseguiu!

Na Bahia, os batistas hoje, com raríssimas e honrosíssimas exceções, estão acomodados. Venceu-os o cardeal Eugênio Sales. E o seu sucesso credenciou-o a merecer da parte da Santa Sé irrestrita confiança para completar a tarefa ecumenizante dos batistas da Guanabara para onde foi recentemente transferido. Se fosse o caso, dar-lhe-ia parabéns pelo êxito na Bahia e, antecipadamente, parabenizá-lo-ia pelo sucesso futuro na Guanabara, a menos que os meus irmãos pela fé em Cristo e pelas convicções batistas se decidam a acordar. . .

Prognostico com muita mágoa, aliás, feliz resultado das investidas ecumenizantes do cardeal Sales no Rio de Janeiro porque os batistas guanabarinós, em grande parte, já estão contaminados pelo vírus ecumenista e também porque, insensibilizados e engegueirados, recusarão atender os apelos de quem conhece por dentro as manhas e artimanhas clericais e tem paixão pelo ministério evangelístico.

COM MUITA TRISTEZA RECONHEÇO SER MAIS FÁCIL CONVENCER OS INCRÉDULOS DO QUE APELAR PARA OS CRENTES.

* * *

Já no cenário latino-americano, embora haja havido a Campanha de Evangelização das Américas, os batistas são considerados mansos pelos hierarcas romanos, pois, bafejados pelas aragens ecumenizantes, deixaram de ser “AQUELES PROSELISTAS” e a CELAM, em suas últimas reuniões, nem mais os menciona.

EMBORA, OUTROSSIM, NO BRASIL HAJA ACONTECIDO EM 1965 A CAMPANHA NACIONAL DE EVANGELIZAÇÃO, RICA DE PROGRAMAS, ORGANOGRAMAS E IMPRESSOS, OS BATISTAS BRASILEIROS TAMBÉM DEIXARAM DE ALARMAR AS ÁREAS ROMANISTAS. ABRANDARAM-NOS AQUELAS ARAGENS...

O frade Boaventura Kloppenburg, teólogo do Concílio Vaticano II e radicado há longos anos entre nós, em um seu artigo divulgado pela Revista Eclesiástica Brasileira (exemplar de setembro de 1966) manifesta a tranquilidade por parte dos bispos romanistas instalados em nosso País porque os batistas se arrefeceram e o seu crescimento se assemelha ao dos presbiterianos. É pouco mais do que vegetativo, nota o frade. “Os pentecostais”, observa Kloppenburg, “constituem atualmente três quartos do protestantismo no Brasil”. E, após lembrar que em 1930 eles somavam apenas 9,5% dos evangélicos no Brasil, em 1966 são 75%, afirma: “Enquanto as igrejas tradicionais, com auxílio de centenas de missionários

e milhões de dólares, cresceram de 300.000 a 1.000,000, os pentecostais, com a ajuda de poucos missionários e muitas vezes sem nenhuma assistência financeira, cresceram de 100.000 para 3.000.000”.

Estarrecido e ENVERGONHADO transcrevo essas observações do frade teólogo com o intuito de demonstrar a minha assertiva de que os batistas no Brasil já deixam a hierarquia romanista dormir o sono da tranquilidade.

O frade Cláudio Hummes, subsecretário nacional do Departamento de ecumenismo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), em seu artigo: *O Ecumenismo no Brasil*, publicado no Boletim Informativo dessa Conferência dos Bispos, *Nacionais Informam* (n.º 53, 1ª quinzena de abril de 1968), para a tranquilidade dos prelados brasileiros, inclui os batistas entre os grupos evangélicos de crescimento vegetativo e retira-lhes o apodo de *sectários* ou *proselitistas*, isto é, ativistas da evangelização.

Que Deus tenha misericórdia de mim! E me conceda energia e paciência para continuar advertindo os meus irmãos batistas!

.oOo.

A META DIABÓLICA DO ECUMENISMO

O INTENTO VATICANOCENTRISTA, isto, a união de todas as seitas católicas dissidentes da comunhão romana à autoridade do papa, o Olimpo do Vaticano, é uma decorrência natural da tese antievangélica da salvação pelas obras. É a velha experiência sincretista tantas vezes praticada no decurso da história do catolicismo a se repetir. Ser ecumenista, no caso, longe de ser uma novidade ou um gesto profrentista. É sintoma de anacronismo. Ceticismo. Cheira a naftalina dos gavetões das mumificadas sacristias vaticanas.

Se o Evangelho é sempre a Boa Nova, a Eterna Novidade, e o crente em Jesus Cristo, conhecedor da Bíblia, não é só atual e atualizado, mas contemporâneo do futuro, o antievangelho (Atos 15:1,5; Gálatas 2: 11-14) é velharia, arcaísmo. É gerontismo!

Insaciável em suas ambições doministas, atavismo congênito de sua procedência do Império Romano, tudo empreende o romanismo no sentido de ampliar as suas nefandas glórias e de expandir os seus proveitos.

Ameaçado pelo surto evangélico, sente-se na urgência urgentíssima de reprimir a audácia dos crentes em pregar o Evangelho puro e simples de Jesus Cristo. Abaluartados pelo fascínio do Salvador, os crentes ativam o seu ministério evangelístico na proporção direta das perseguições contra eles movidas. Quanto mais atormentados pela violência mais acicatados em seus ânimos por anunciar as Boas Novas de Salvação.

Se a História dos Batistas é um glorioso e épico “rastros de sangue”, é, outrossim, a estuante e notável odisseia do cumprimento da Grande Comissão.

Ineficazes e intempestivos no panorama atual do mundo os processos inquisitoriais da força, embora a hierarquia clerical reconheça a sua viabilidade em casos especiais em determinadas regiões, como ocorreu em 1969 na localidade de Santa Rosa ao norte do Estado de Minas Gerais.

É-lhe rendoso, envergando a máscara da fraternidade — “todos somos irmãos” — aproximar-se cordialmente dos evangélicos. Com sorrisos e palmadinhas amigáveis em suas costas, torna-se mais fácil arrefecer-lhes o ímpeto evangelizante, afrouxar-lhes a ousadia missionária.

Se ECUMENISMO significa UNIONISMO quanto aos católicos de todas as seitas, ECUMENISTIZAR expressa a guerra gentil a so-lapar de manso, sob as aparências de fraternidade, as nossas energias evangelísticas.

ECUMENISTIZAR OS EVANGÉLICOS ATI- VISTAS, COMBATIVOS, SIGNIFICA COARCTAR-LHES O EMPENHO, O ARDOR, DE GANHAR ALMAS PARA CRISTO.

Ecumenistizar significa acanhar-lhes a missão à vista popular porque se generalizou a ideia de que “o santo padre disse que somos todos irmãos. Ninguém mais precisa mudar de religião. Todos somos filhos do mesmo Deus. Os católicos também possuem e já leem a Bíblia. O padre prega a Bíblia. O vigário é muito amigo do pastor”. E quejandas...

Ecumenistizar significa minimizar, pasteurizar, miniaturizar, limitar, restringir, rarefazer, atenuar, apoucar, acanhar, acalmar a veemência evan-gelizante.

Ecumenistizar significa encurralar, confinar, enclausurar, entocar, encafunar, encantoar, acorrilhar, acuar os crentes debaixo dos telhados dos seus templos.

ECUMENISTIZAR SIGNIFICA TIRAR DOS CRENTES A VISÃO MISSIONÁRIA!

Ecumenistizar significa o mais disfarçado, o mais subreptício, o mais diabólico BOICOTE à ação evangelística!!!

Ecumenistizar adota como método a blandícia. A insídia. A meiguice fingida. O afago hipócrita.

Ecumenistizar, por tudo isso, quer dizer cilada. Traição. Perfidia. Emboscada. Ardil. Estratagema. Tática. Astúcia. Trama. É a aproximação amigável, cordata, afável, cordial, jesuíta (que, conforme os bons dicionaristas, como Silveira Bueno e Buarque de Holanda, significa hipocrisia, astúcia, traição), com o intuito de cercear, amaciar, afrouxar o ímpeto evangelizante dos crentes.

Se as fogueiras da Inquisição não os descoroçoaram, a aproximação ecumenizante, “fraterna”, sorridente, embotar-lhes-á o ânimo, pressagia o pontífice hierofante. Há de esmaecer-lhes a coragem. Há de entibiar-lhes o ardor. Há de afrouxar-lhes o ímpeto. Há de abobá-los. Há de enleá-los. Há de abananá-los. Há de aquietá-los. Há de abonança-los. Há de aplicá-los. Há de serená-los.

E, surpresos com a mudança de trato, há de estupidificá-los.. Narcotizá-los!!!

O plano ecumenizante deu certo. Seus resultados positivos superam todos os bons augúrios e as mais otimistas previsões da aristocracia clerical.

E, com efeito, num passado mui próximo aplicado, já produz fartíssima seara de frutos a enriquecer mais ainda os latifúndios pontifícios.

Quantas igrejas, pastores e crentes com- prometidos! Contagiados pelo vírus ecumenizante... E, em consequência, acomodados. Conformados. Amaciados. Abemolados. Abrandecidos. Aviltados. Acachados. Acachapados. E acapachados aos interesses do negro imperialismo religioso do Vaticano.

Diz-se que jamais na história houve tanta oportunidade para se evangelizar... Que jamais o povo foi tão acessível. Mas não se evangeliza...

A astúcia ecumenizante é tão venenosa, tão insidiosa, que a sua vítima se torna cega. Entorpecida. Insensibilizada. Estuporada. Abobalhada! Estupidificada!!!

Tão tudo isso que, com as melhores das intenções — e de boas intenções o inferno está forrado e assoalhado — cai, com o mais esfuziante entusiasmo, na panfesta ecumenizante. Sobe a ribalta ecumênica supondo aproveitar uma excepcional oportunidade de evangelizar.

Boneco-de-engonço, cara apalermada pelas afabilidades jesuíticas do clero, qual autômato, carnavalesco arlequim, entra na teatrada ecumenista de marionetes cujos cordões os hierarcas vaticanos manejam com rara habilidade sem jamais se embaraçar.

.oOo.

**“E AGORA NÃO É MAIS FÁCIL
EVANGELIZAR?”**

QUE PERGUNTA DE BASBAQUE!

A ação ecumenista é tão insidiosa, tão encapada, tão enfiada, tão ardilosa, tão subterfúgia, tão manhosa, tão encapuçada, tão disfarçada, tão dissimulada, tão embaçada que pessoas dotadas do desejo sincero de cumprir a Grande Comissão, mas ingênuas, descuidadas e irrefletidas caem nessa esparrela.

O mais grave, porém, é que, presas na arapuca, se tornam encegueiradas e envenenadas. E dificilmente se libertam da peçonha ecumenizante .

Ecumenizadas, apegam-se ao seu ponto de vista que não há argumentos capazes de convencê-las do logro em que caíram, quais insensatas mariposas, castigadas pela própria lâmpada que as seduziu. Nem a experiência dolorosa do fracasso do seu ministério! Parece ser irreversível essa estupidação complicada com a agravante do orgulho...

QUEM ACEITA OS ACENOS ECUMENISTAS E ECUMENIZANTES PERDE O INTERESSE POR EVANGELIZAR. Quando muito se limita a aplaudir um desenvolvimento pouco mais do que vegetativo de sua igreja...

Esse movimento deve cumprir a sua destinação: deflagrado para embaraçar o desenvolvimento evangelístico, vai fazendo o seu trabalho de sapa entre os crentes ao aplacar-lhes o elan de ganhar almas para Cristo, e entre o povo ao levá-lo à indiferença diante do Evangelho.

O crente embeçado, enfeitado, envolvido por essa onda renuncia o alto privilégio de pregar o Evangelho genuíno. Enxovalha-se tanto que acaba aceitando um evangelho corrompido. E o seu interesse se desenvolve em outras atividades.

Aliás, é muito mais fácil constatar-se a presença de interesses *outros* entre os batistas ecumenizantes. Quantos estão à cata de sinecuras em funções públicas... E outros preparando terreno com vistas à disputa política de cargos eletivos... Para si ou para parentes...

Encontramos, porém, entre nós a prova provada de que nesta era ecumenizante as nossas igrejas e os nossos pastores marginalizaram a primordialidade da evangelização.

Templos suntuosos, congressos retumbantes, corais maviosos, cultos pomposos, passeatas embandeiradas, grandes concentrações (onde os batistas não sabem sequer guardar silêncio e ouvir os oradores e se comportam pior do que os mundanos nos seus comícios políticos de vésperas de eleição), organizações esplêndidas, tudo são demonstrações da nossa fuga à enorme responsabilidade de estender entre os homens o Reino de Deus. Tudo isso nos mantém cercados numa terrível e labiríntica teia de enganos e nos torna cúmplices da maior e mais diabólica barreira levantada contra a nossa primordialíssima tarefa.

Embora os templos sejam suntuosos, retumbantes os congressos, maviosos os corais, pomposos os cultos, embandeiradas as passeatas, as nossas igrejas ecumenizadas, estão imobilizadas pela paralisia,

negligentes numa criminosa frouxidão... Estão mortas!!! E mortas já entram no estado de putrefação do mundanismo...

Porque, ao deixar de ser evangelística, a igreja deixa de ser evangélica.

Deixando de ser evangélica poderá ser tudo... Clube social... Ou sociedade filantrópica... Menos Igreja de Jesus Cristo!

Blandiflua, para coonestar um cristianismo adulterado, corrupto e corruptor, enleado pelo antievangelho e cúmplice na perda eterna das almas, blandiflua essa igreja advoga ridículos programas assistenciais aos necessitados à sombra dos “alimentos para a paz”, dos favores de algum politiqueiro disposto a distribuir pequenos empregos e de algumas miseráveis esmolos aos famintos.

Uma incontestável demonstração de que esta época ecumenistizada dificulta terrivelmente a conquista de almas para o Reino, está no fracasso da nossa Campanha Nacional de Evangelização, não obstante os triunfalistas, mesmo contra a realidade objetiva dos fatos, a considerem vitoriosa, quando nem sequer despertou na *maioria absolutíssima* dos batistas qualquer interesse pela evangelização.

Propunha-se a Campanha dobrar o número dos batistas brasileiros: $1+1 = 500.000$.

Dos 250.000 existentes desejava-se atingir o meio milhão.

Ainda depois da Campanha das Américas estamos mui distantes desse alvo. E quando lá chegaremos?

Pelas estatísticas elaboradas, aliás sob um inconsistente triunfalismo, os batistas brasileiros têm diminuído de 1965 para cá a sua porcentagem de crescimento em relação ao passado.

E ainda à luz dessas estatísticas (otimistas além da realidade — aceitando-as com elevadíssima dose de boa vontade para não ser desmancha prazeres, apesar de incluírem elas os contados em FANTASMAS rois de membros — o nosso crescimento (inferior à porcentagem do crescimento no passado) se constitui num estarrecedor escândalo diante da explosão populacional quase geométrica experimentada pelo Brasil.

Efetivamente, essa nossa situação demonstra apodíctica, absoluta, irrefragável, irrefutável e incontestavelmente a assertiva de que o analuvião ecumenistizante está barrando, sufocando e impedindo o desenvolvimento do Reino de Deus em nosso País.

Recordemos! Dois são os fatores do sucesso da empreitada ecumenista:

PRIMEIRO: O bloqueio das almas no terrível indiferentismo. “Todos somos irmãos. Temos a Bíblia também. Deus é um só. Todos os caminhos conduzem ao céu. Os padres também pregam a Bíblia. As grandes transformações (que conto do vigário!) da igreja católica (?) estão aproximando-a da Bíblia”.

SEGUNDO: O amaciamento, o enfrouxecimento, o abananamento, o abemolamento dos crentes.

Diante dessa tremenda averiguação quais as medidas que os batistas no Brasil irão tomar?

Embalados em um pueril e anacrônico triunfalismo em suas Assembleias nacionais ou regionais, em seus congressos, em seu retiros espirituais continuarão nas discussões infundáveis sobre assuntos secundários e na busca promocional de “ilustres” vaidades?

Insuficientes as moções antiecumenistas acatadas por unanimidade em nossas Assembleias. É mister encarar-se o problema ecumenizante nas suas verdadeiras e terríveis dimensões a fim de se tomarem medidas objetivas, concretas e suficientes que nos livres e imunizem desse vírus satânico se quisermos cumprir o nosso dever e continuar a nossa história assinalada pela presença do espírito evangelístico.

.oOo.

SUGESTÕES PRÁTICAS DE UM ARCEBISPO E A AMARGA EXPERIÊNCIA DE UM PASTOR

ABANDONEI O SACERDÓCIO ROMANO em maio de 1965 e presenciei muitas confabulações entre o clero visando a prática dos lances ecumenistas.

Em julho de 1964 participei de um retiro espiritual dos padres do arcebispado de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, a cuja jurisdição eclesiástica estava sujeito. Ao final desse exercício, o nosso ordinário, hoje cardeal em Roma, o sr. Agnelo Rossi, promoveu um dia de estudos sobre aplicações práticas da ação ecumenista, assunto palpi-tante e de máximo interesse para o clero. O hierarca forneceu-nos muitas “instruções de efeitos positivos surpreendentes”.

Dentre tantas, salientou-nos que os padres vigários de paróquias onde houvesse alguma igreja protestante (?) deveriam fazer tudo por se tornarem amicíssimos dos crentes, mas sobretudo dos pastores e que demonstrassem pública e rasgadamente essa amizade. E, enfeitado por um sorriso malicioso, apresentou o resultado: *“Aí o povo concluirá que tudo*

é a mesma coisa e quando alguém for abordado por um protestante logo se sairá com a explicação de que tudo é a mesma coisa, haja vista a estreita amizade entre o “seu” vigário e o pastor”.

Sugeriu-nos ainda o prelado procurássemos prestigiar o pastor promovendo-lhe a participação ativa na diretoria de alguma sociedade recreativa ou beneficente da paróquia. Lembrou-nos a ótima oportunidade de certas festas, como as de formatura de estudantes, recomendando-nos convidássemos o ministro protestante a compor o cenário do palco. E comentava o nosso amantíssimo ordinário: *“Os pastores em geral são pessoas simples e sentir-se-ão envaidecidos numa solenidade quando forem saudados entre as autoridades eclesiásticas”.*

Sentir-se-á notável a comboiar o sacerdote...

Sugeriu-nos o hierarca procurássemos visitar o pastor em sua casa e o convidássemos para refeições em nossa própria. Que nos prontificássemos a ajudá-lo em tudo e dispendo-nos com insistência a lhe em-prestar objetos, como bancos, quando necessários e que atendêssemos prontamente seus convites e de maneira especial os relativos a cultos religiosos.

Todas essas sugestões ecumenizantes do arcebispo visavam esta meta: levar o povo à conclusão de que tudo é a mesma coisa e assim “os católicos estariam imunizados do insidioso proselitismo protestante”.

Muitos pastores batistas — reconheço-os sinceros em sua boa fé — supõem ser já tempo de se acabarem as rixas entre ministros de religiões diferentes. Entre pessoas educadas, com nível escolar superior, fica muito bem a cordialidade. Devem-se tratar como cavalheiros.

Que candura!

Cavalheirismo, sim! E quando o cavalheirismo põe em cheque a fidelidade a Jesus Cristo e à Sua Vontade?

Cavalheirismo! Como sinônimo de subserviência? De ingenuidade? De cumplicidade? De parceria na trama ecumenizante?

Porventura Jesus foi cavalheiro com os fariseus? Com os sacerdotes? Serão expressões cavalheiras as suas objurgatórias registradas no capítulo 23 de Mateus?

Terá sido cavalheiro Paulo Apóstolo na presença dos judaizantes? Foi de cavalheiro a sua conduta na assembleia de Jerusalém? Será de cavalheiro o chamar de “bestas” os abversários efesinos? (1 Coríntios 15:32).

* * *

Por trás desse “cavalheirismo” deslanchado pela onda ecumenista existe por parte do clero interesse de neutralizar a autoridade dos crentes diante do povo... E por parte dos pastores que o aceitam, existe ou ignorância — o que é quase inconcebível — ou muito propósito escuso... Como ocorreu com certo pastor ecumenisticamente cavalheiro que pretendeu preparar o terreninho a ver se conseguia um carguinho numa

assembleia legislativa. Outro, em idêntica situação, maneirava o ambiente para prestigiar um mano na busca de votos numa campanha eleitoral.

* * *

Sobremodo apreciam os crentes verem a presença de sacerdotes em cultos evangélicos.

Veem nesse gesto uma predisposição, uma abertura para o Evangelho, ou um ensejo para que ouçam a pregação da Palavra de Deus.

Tudo isso é utopia!

A comparência do clérigo aos nossos cultos envolve um outro motivo. Está fazendo o jogo ecumenista e ecumenistizante!

Os ingênuos teimosos — pascácios! — insistem que, ouvindo, poderá algum deles se converter.

Sim! A fé é pelo ouvir a Palavra de Deus (Romanos 10:17).

Mas, como ouvi-la? Com aquela predisposição de quem é sincero na busca da salvação e no desejo de atender a Vontade de Deus.

Se pelo fato de se ouvir a Palavra de Deus já se aceitasse a Cristo, quem não seria crente nestes brasis? Tantos clérigos têm ouvido a mensagem do Evangelho e quantos a aceitaram? O ex-padre Rohden traduziu dos originais o Novo Testamento e é espírita.

Aqui no Brasil quais são os padres convertidos durante esse período de assanhamento e arreganhamento ecumenista?

Dizem que os padres frequentadores dos nossos cultos ou “amigos” dos crentes são QUASE crentes... No Recife, seguindo as circunstâncias locais e do meu trabalho, fui um padre quase-crente. Em Guaratinguetá, noutra ambiente e enfrentando outro panorama, persegui os evangélicos com extrema violência.

E perante o Evangelho QUASE quer dizer NÃO!

Ninguém se iluda mais! Os sacerdotes se apresentam em nossos cultos cumprindo o programa da ação ecumenistizante...

* * *

Qual, porém o comportamento do pastor quando da presença de um clérigo ao culto de sua igreja?

A DO BOM SENSO!!!

O servo de Deus não tem o direito de ser um PAPALVO...

Lamentavelmente no mercado das qualificações de muitos falta esse bom senso. Um dos grandes instrumentos que todo pastor deveria possuir e usá-lo diuturnamente é o desconfiômetro. E um mirífico remédio que sempre deveria tomar em doses maciças é SIMANCOL.

Sabedor dos propósitos da cilada, deve tratar o reverendo como a outro qualquer pecador, sem anunciar-lhe sequer a presença. E na apresentação da mensagem, não se impressionando, fazê-lo com fidelidade à inspiração do Espírito Santo e lealdade com a inteireza doutrinária da Bíblia.

O pastor cauteloso, antecipadamente, orienta o seu rebanho no sentido de não se impressionar quando isto ocorrer. Ninguém deve dar especial atenção ao sacerdote para enfatizar o seu comparecimento.

Toda vez que vejo um clérigo presente vem-me à lembrança a observação bíblica ao relatar a tentação e queda dos primeiros pais: “*Ora, a serpente era mais astuta que toas as alimárias do campo*” (Gênesis 3:1). E, ao se referir aos judaizantes, Paulo prevenia os coríntios, lembrando-lhes a astúcia da serpente (2 Coríntios 11:3).

* * *

A minha terceira série de conferências evangelísticas ocorreu em uma Igreja Batista em São Paulo, cujo pastor era doutor em teologia, formado numa faculdade dos Estados Unidos, professor emérito e aplaudido, reputado grande teólogo em nosso meio... Todo engalanado de *efes e erres...*

Numa das noites apareceu um bispo. Um bispo da “Igreja” Católica Apostólica Brasileira, meu ex-colega de seminário.

Resolveu o pastor colocá-lo na plataforma ao lado do púlpito. Aliás, foi um exótico enfeite naquela pantomima, pois o prelado (e pelado de quaisquer predicados morais) se encontrava todo ajaezado com os arreios episcopais.

Recém-chegado para o meio batista, resolvi conservar-me retraído e observar o desenrolar dos acontecimentos.

Aliás, é uma arte o saber-se rir por dentro quando o ambiente nos inibe...

Concluído o apelo, o pastor, eminente líder batista, respeitável por todos os títulos, concedeu a palavra ao “ilustre” visitante. E durante a verborreia do prelado pelado de quaisquer predicados morais, o nosso irmão e colega cochichava-me: “Esse homem já é crente; está convertido; veja como ele fala...”

Após o culto, o “nobre” personagem inflado de satisfação pelas demonstrações babosas de entusiasmo por parte dos membros daquela Igreja, pediu-me um instante de atenção para um assunto pessoal, mui particular.

Todo pressuroso e desvelado, o pastor nos levou para o seu gabinete, deixando-nos a sós.

Sabem o que o bispo quase-crente queria?

Foi me convidar para ir para a Igreja Brasileira! “Você no meio dessa gentinha? Isso não lhe dá futuro. Somos amigos de longa data, desde nossa juventude. Dar-lhe-ei grandes oportunidades na Igreja Brasileira...”

* * *

Agora a amarga experiência de outro pastor metido a prafrentex. A atualizado. Mas, um coitado. E dos bem quadrados. . .

Porque ser ecumenistoide, ecumeníaco, é ser muito quadrado. É o cúmulo da burrice. É ser tremendamente pratrazex... A Bíblia chama esse conluio de PROSTITUIÇÃO.

Ser ecumenista, ecumenistizante, ecumeníaco, ecumenistoide é ser amancebado, acomadrado, abarregado com a idolatria, os idólatras e o antievangelho.

Pois bem, há pouco dirigi uma série de pregações evangelísticas num dos subúrbios da Grande S. Paulo.

Ao chegar ao sábado à noite, encontrei o templo regurgitante e o povo turbulento com a notícia da vinda do vigário a convite da esposa do pastor da Igreja.

Este, pretendendo transformar em ribalta ecumênica a plataforma do púlpito, já havia posto uma cadeira de alto espaldar destinada ao clérigo. Repeli essa ideia colocando o simplório pastor num dilema: ou tirar de lá a cadeira ou a minha retirada.

Em vista de minha inflexível decisão, julgou de melhor alvitre colocar a cadeira embaixo.

Efetivamente, poucos minutos antes do início do culto chegou o reverendo acompanhado de grande comitiva de paroquianos, todos mui cordiais.

Foi aquela azáfama para instalá-los todos nos primeiros assentos ao lado do pároco.

Enquanto tudo isto se processava, a esposa do pastor, como recepcionista, posta à porta do templo, a informar a todos o seu êxito em levá-lo, saltitante, apontava o vigário como o seu convidado especial.

O pastor de cara apalermada e encegueirado, apesar de minhas advertências, com voz cheia de cálida adulação, apresentou o clérigo, que, com palavras repassadas de elogios e agradecimentos, de pé e acenando com a mão para a assistência, retribuiu o palanfrório entre sorrisos simpáticos de ecumenista profissional.

“Lábios lisonjeiros e coração dobrado!!!” (Salmos 12:12).

Naquela noite Deus me deu uma mensagem candente. Investi duro e firme contra a idolatria.

Ao fazer o apelo houve muitas decisões. Toda a comitiva do sacerdote se manifestou. E o próprio vigário pôs-se de pé e foi à frente.

A madame do pastor não cabia em si de jubilosa. O extravasamento de sua euforia contagiava os irmãos circunstantes. “O vigário se converteu. Todos os seus acompanhantes também. A Palavra de Deus é como o martelo a esmiuçar a penha. Acabou-se a paróquia católica do nosso bairro”.

Alguns membros da Igreja, que haviam presenciado a minha manifestação de intransigência, vitoriosos, me olhavam com ares de censura e desdém.

Cumprimentei todos os decididos, inclusive o vigário e sua caterva, enquanto os conselheiros anotavam os nomes e endereços de todos.

Após orar, entreguei o púlpito ao pastor daquela Igreja Batista a fim de proceder o encerramento do culto.

Enxuguei lágrimas de tristeza ao ouvir as palavras finais do pastor, que, traindo o Evangelho, acabava de colocar a sua Igreja, a reboque da onda ecumenista.

Ao me despedir dele, informou-me que o vigário queria uma entrevista com ele e pediu-me que o acompanhasse no dia seguinte à casa paroquial.

Escusei-me. “Desde que o reverendo se converteu e precisa de orientação, será melhor que o irmão vá sozinho. E, depois, caso julgue de mister, poderei ir também”, disse-lhe eu, sabendo já qual seria o desfecho daquela patuscada.

Tempos depois, encontramos-nos e perguntei ao pastor sobre o vigário “convertido”.

“Nem queira saber”, contou-me. “Logo na segunda-feira fui à casa paroquial. O padre me colocou num labirinto de sofismas. Fiquei apalermado! No fim, disse-me palavras ásperas. E, após duas horas de tortura moral, retirei-me. Quase erro o caminho de casa”.

“E quantos decididos frequentam a Igreja?”, perguntei-lhe.

“Nenhum! Apesar de muito visitados, todos se dizem cristãos porque também creem em Cristo, mas preferem continuar ao lado do “sô” vigário”.

O pastor, desmoralizado no bairro, tem o seu ministério arruinado. O melhor a fazer seria mudar-se de lá.

E que faça bom proveito da lição...

.oOo.

O SORRISO DO JACARÉ E O ABRAÇO DE HARADA

DE CERTA FEITA, UM CASAL em “lua-de-mel” decidiu gozar as suas delícias na Amazônia. Seria uma “lua-de-mel” diferente. Sensacional! Dar-lhe-ia fartíssima reserva de acontecimentos para recheiar as suas conversas com os amigos.

Quiseram os dois pombinhos fazer sortida pelas florestas. Às margens de um igarapé, boquiabertos, encontraram muitos jacarés em banho de sol naquela manhã ensolarada no céu de um azul profundo. Jacaré-açu. Jacaré-curuá. Jacaré-de-óculos. Jacaré-de-papo-amarelo. Uma aglomeração de jacarés. Uma jacarezada!

Um deles afastara-se do aconchego dos seus semelhantes. O jovem maridinho, no desejo de documentar a sua aventura, resolveu fotografar o cenário jacareniano.

Sorriam-lhe sorrisos largos os jacarés... Sorrisos convidativos à amizade.

O rapaz, atraído por tanta cordialidade jacareense, resolveu tirar uma foto sensacional. Originalíssima! Exótica!!!

Um instantâneo de sua amada esposinha a cavalo no jacaré separado da multidão.

A cavalo, no caso, é força do hábito. Montada no jacaré. A jacaré!

Gárrida e saltitante de felicidade pela proeza insólita, a jovem anuiu à proposta. Encorajava-a o amplo sorriso do jacaré.

Cavalgou num garbo de valente amazonas.

Ao bater a chapa fotográfica, o rapaz constatou haver-se terminado o filme. Agastado por lhe faltar experiência com a máquina recém-adquirida na “Zona Franca”, recolheu-se à sombra de frondosa árvore altaneira para a operação da troca.

A sua amada, em gritinhos de menina corajosa, incitava à pressa o príncipe dos seus amores mui lerdo na substituição do filme.

E o jacaré sorrindo... Sorrindo largo...

O silêncio brusco da moça fê-lo um pouco apreensivo. “De certo se cansou de gritar ou está extasiada na contemplação da exuberante natureza”.

Manobra concluída, volta-se num repente o moço para colher a mais espetacular foto instantânea.

Cadê a jovem esposa?

Desaparecera dos lombos do jacaré..

O jacaré a engulira!

Mas continuava com o seu sorriso largo e amigo...

O ecumenismo transforma em realidade a fábula do jacaré!

Os sacerdotes emboscados no ecumenismo sorriem fraternos e louvaminheiros aos crentes... Para tragá-los nos meandros de seus interesses.

* * *

Em Belém do Pará, o arcebispo romano, Alberto Ramos, andou convocando encontros com pastores protestantes e evangélicos em seu próprio palácio. Foram quase todos e, para sumo agrado de s. excia. lá estavam os batistas caracterizados em passado recente pela sua intransigência doutrinária.

Em outubro de 1967, atendendo um honroso convite, fui pregar naquela cidade durante uma grande campanha de evangelização promovida pelas igrejas batistas locais.

A propaganda foi vasta, mas de água-doce. Estiraram-se faixas sobre as vias públicas a ostentar o lema: CRISTO, A ÚNICA ESPERANÇA.

E a política da boa vizinhança religiosa se distinguiu nessas faixas com a cruz em vermelho ao lado daquele dístico.

Soube posteriormente que alguns responsáveis pela campanha manifestaram sua opinião contrária a que fosse pregador um ex-sacerdote romano porque ele poderia atacar o clero e o tempo disso já passou.

No dia 8 de outubro de 1967, o sr. Alberto Ramos espalhou pelo jornais locais a sua mensagem ao povo a fim de marcar a passagem das comemorações do círio na festa da Senhora de Nazaré, a mais importante

do Norte do País. A propósito do nosso assunto destaco o seguinte tópico da saudação do ordinário: “Desde muitos anos, ela (a Virgem) nos diz que Cristo é nossa vida, é nosso caminho, é a solução para todos os nossos problemas, É A NOSSA ÚNICA ESPERANÇA como ainda há pouco, andaram apregoando nossos IRMÃOS BATISTAS, em faixas e conferências pela cidade.

“A Virgem de Nazaré vem às ruas para dizer-nos, como em Caná “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Fazei tudo o que Jesus vos mandar. O que vale afirmar: *Fazei tudo que vos preceitua através de Sua Igreja nas determinações conciliares e nas encíclicas pontificias*”.

Ninguém apareceu na imprensa para rechaçar a sandice arquiiepiscopal. O ecumenismo arrolhou-os a todos...

Não fica bem nos dias atuais abrir-se polêmica!

E a fidelidade à Verdade do Evangelho? Ora, a fidelidade!!!

* * *

A ingenuidade atinge as raias nem sei de quê... a tal ponto que numa campanha de evangelização levada a efeito por várias Igrejas de grupos protestantes e evangélicos diferentes, inclusive uma Igreja Batista ligada à Convenção Batista Brasileira, em Porto Alegre, em 1967, a Comissão Central resolvera encaminhar à paróquia romana mais próxima do endereço dado pelo decidido por Cristo que escolhesse a igreja romana.

Inconcebível para meu intelecto uma associação de pastores protestantes e evangélicos... Em matéria de doutrina postos nas mais extremas posições... E há muito catolicismo camuflado de protestantismo e até acobertado com aparências evangélicas. Em nosso livro O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS examinamos esse assunto.

Em Feira de Santana, na Bahia, há um reverendo presbiteriano macio e envolvente, conhecido pelo seu comprometimento com a ação ecumenista.

Dizem que anda de *cama* e mesa com os padres... De *casa* e mesa, estou certo, pois chega à quadradice de celebrar casamentos ecumênicos.

Um membro de sua igreja me confessou que, se permanecer por mais algum tempo em sua igreja, deixará inclusive de crer em Deus. Para o reverendo tudo é mito... A Bíblia, de conformidade com a sua balela neomodernista, não passa de uma coletânea de mitos, lendas e contos da carochinha. . .

E por falar em neomodernismo informo que essa corrente herética de modernismo só tem o nome para iludir os trouxas porque existia já antes de Cristo, conforme se pode verificar provado em nosso livro **O VATICANO E A BÍBLIA**.

Pois bem, o Instituto Batista de Feira de Santana convidou o homem para fazer uma palestra sobre ecumenismo aos seus alunos. E o papalvo informou ao seu auditório que ecumenismo não quer dizer a tendência da união das religiões numa igreja só. E que nem o papa tem interesse em

unir à sua autoridade nenhum outro grupo religioso. Esclareceu (?) que ecumenismo significa simplesmente a amizade que deve existir entre os seguidores de todas as religiões. As disputas religiosas no passado foram motivo de guerras e desarmonias entre nações. Desde que todos atualmente empreendem esforços em prol da paz universal é justo e razoável que todas as religiões façam o mesmo. Aliás, devem ser as primeiras a se colocarem na vanguarda desse intento ecumenista. Para adocicar a sua balela, o reverendo informou que neste clima ecumênico os crentes têm mais facilidade para evangelizar.

O pior que alguns alunos aceitaram sem nenhuma análise a palavra do pastor presbiteriano.

Todas as informações de sua palestra se constituem em mentiras...

E como se convida um cidadão assim comprometido para dirigir uma palestra num Instituto Bíblico? E Batista?

Esse fato me traz à lembrança as preocupações a respeito da situação difícil porque passam os nossos seminários. Situação financeira!

Pior, todavia, é a situação espiritual e doutrinária... Mereceria um exame acurado e com muita responsabilidade diante de Deus e diante das Igrejas Batistas.

Para um cidadão ser admitido como professor num desses estabelecimentos, além de outras deliberações imprescindíveis, dever-se-ia exigir-lhe FIDELIDADE COMPROVADA às doutrinas bíblicas consubstanciadas nos princípios batistas.

A astúcia ecumenizante faz-me lembrar a espetacular luta de boxe que chamou a atenção desportiva do mundo inteiro entre o campeão nacional Êder Jofre e Massahico Harada, acontecida em Tóquio, Japão, a 18 de maio de 1965. Lutaria o nosso patrício para conservar o título máximo e o seu contendor por conquistá-lo.

Os brasileiros aficionados da modalidade esportiva se postaram diante da TV. E, na torcida fremente, estavam eufóricos na certeza da vitória do nosso consagrado boxista.

Ao entrarem os dois lutadores no tablado da refrega, ao invés do protocolar e rápido aperto de mão, Harada deu um apertado e efusivo abraço em Êder Jofre.

Admiraram-se muitos brasileiros do alto nível de educação do simpático japonês. Outros, porém, viram nesse gesto um sinal de sua fraqueza, uma demonstração do seu medo, um reconhecimento da superioridade do boxer brasileiro.

Soado o gongo, assombrados os telespectadores patrícios assistiram ao contrário do normal numa luta idêntica, Harada dar outro abraço em Êder, que, na pretensão de ser cavalheiro, aceitou.

E o locutor a berrar: "Harada abraça Êder. Sensacional, srs. Esquisito! Harada dá um abraço em nosso campeão! Agora Harada dá uma cabeçada em Êder Jofre! Cabeçada violenta! O nosso Jofre sente o golpe. Harada dá outro abraço em Êder Jofre. Agora outra cabeçada"

E, entre amplexos cordiais, as cabeçadas violentas se sucediam minando a resistência do nosso representante máximo em luta de boxe

Resultado: os brasileiros assistiram a fragorosa derrota do nosso campeão mundial.

Eis o ecumenismo! Entre sorrisos, abraços, afabilidade, os golpes mortais contra o evangelismo...

.oOo.

A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA ENREDADA PELA AÇÃO ECUMENISTIZANTE

NA SUA 50ª ASSEMBLEIA ANUAL, ocorrida em janeiro de 1968 na cidade de Fortaleza, Capital do Ceará, dentre os diversos motivos apresentados na moção antiecumenista, ressalta-se o seguinte: *“somos contra o movimento ecumenista porque não vemos nenhuma vantagem em aparecerem juntos, em cerimônias religiosas, pastores e padres, pois o que sucede é darem eles a impressão de que somos doutrinariamente iguais, julgamento precipitado que conduz à conhecida falácia de que todas as religiões são boas”*. E, em suas conclusões, o referido documento destaca propor-se um apelo *“aos pastores batistas brasileiros no sentido de que tenham o máximo cuidado em não se comprometerem com o movimento, ESPECIALMENTE QUANDO SÃO APRESENTADOS COMO REPRESENTANTES DA DENOMINAÇÃO”*.

O Dr. Ebenézer Gomes Cavalcanti, em seu discurso proferido na 51ª Assembleia reunida em janeiro de 1969 na Capital Fluminense, Niterói, após focalizar aspectos históricos e metas do ecumenismo, afirmou que os batistas brasileiros *“RECUSAM participar das atividades diretas ou INDIRETAS do movimento ecumênico pró unidade cristã”*.

Não obstante essas solenes manifestações, deploravelmente, a Convenção Batista Brasileira emaranhou-se na aventura ecumenistizante para escárnio de nossos princípios.

Conquanto o Dr. Reis Pereira, na MENSAGEM DOS BATISTAS PARA O MUNDO ATUAL, inserta nos Anais da 52ª Assembleia, realizada em Salvador, Bahia, em janeiro de 1970, assevere CATEGORICAMENTE haver sido a sua *“primeira tomada de posição”* contra *“o movimento ecumenista”*, com imensa dor e sentindo-me fraudado, declaro que a 52ª Assembleia da

Convenção Batista Brasileira, ao contrário da posição oficial, adotada no caso, deu escândalo de se comprometer com o ecumenismo e aceitar o seu jogo ecumenizante.

Define muito bem o assunto o substantivo ESCÂNDALO tomado no seu sentido original, legítimo e verdadeiro, que, na dimensão moral, designa *Dictum vel factum minus rectum, praebens alteri occasionem ruinae spiritualis*. É uma palavra ou um ato menos reto que ao próximo oferece ocasião de pecado ou ruína espiritual.

Ao elucidar a parábola do joio, quando, ao assemelhar à ceifa o fim do mundo, Jesus diz: *“Assim como o joio é colhido e queimado no fogo assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do Homem os Seus anjos e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá prantos e ranger de dentes”* (Mateus 13:40-42).

E, doutra feita, a significar as terríveis responsabilidades do escandaloso, adverte: *“Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que creem em Mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!”* (Mateus 18:6-7).

Por isso, além do pecado de ação e o de omissão, há o pecado de CONSEQUÊNCIA.

Do pecado de consequência daremos contas a Deus. Dos pecados dos outros cometidos por indução nossa não nos eximiremos!

O arrependimento, então, exige reparação...

E o ESCÂNDALO dado pela 52ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira foi ATIVO E DIRETO, circunstâncias agravantes do próprio fato e agravadas pela atual conjuntura religiosa ecumenista. E, com efeito, quantas pessoas por inferência dele se sentiram no direito de participar diretamente da ação ecumenista!

Antes de mais nada, antes mesmo de promover Campanhas de Evangelização, patrocinar jornadas pró missões nacionais, estaduais ou estrangeiras, e mobilizar Juntas de Evangelismo, a Convenção Batista Brasileira precisaria de se ARREPENDER. E ARREPENDER-SE com demonstrações públicas de dor e propósitos de mudança de posição e de tomada de novos rumos. Ou melhor, retomada dos antigos e gloriosos rumos daquele passado quando nós impressionávamos pelo nosso elan genui- namente evangelístico.

* * *

O cardeal Sales — já o dissemos — incumbido de neutralizar o alastramento batista no Estado Baiano, teve sua incumbência aliviada com a cumplicidade de certos pastores envolvidos por preocupações alheias ao seu ministério e, em resultado, à cata de promoção popular, o que os levava à participação de cerimônias religiosas híbridas.

Solerte, Eugênio Sales pôs-se de tocaia!

Posso avaliar-lhe a alegria ao serem aceitos os colégios católicos para a hospedagem dos convencionais. Tudo sintonizado com os seus prognósticos...

A imprensa baiana ao sabor ecumenizante, arquiépiscopoguiada, ressaltava, em seu afã de bem informar, a “minúcia” de serem utilizados colégios católicos para a acomodação dos visitantes (Diário de Notícias, Salvador, 7 de janeiro de 1970).

O mesmo jornal, em seu exemplar da véspera da instalação do conclave (20 de janeiro de 1970), ecumenicodirigido, anunciou a presença de autoridades civis, militares e *eclesiásticas* na abertura dos trabalhos. E depois de lembrar outra vez — porque a missão da imprensa arquiépiscopoguiada é informar e *lembrar* — a acolhida dos estabelecimentos católicos de ensino, salientou: “PARA AS REUNIÕES SERÃO CONVIDADAS AUTORIDADES DA IGREJA CATÓLICA, QUE VÊM COLABORANDO COM A CONVENÇÃO BATISTA, DENTRO DOS PRINCÍPIOS DO ECUMENISMO DEFINIDO PELO CONCÍLIO VATICANO II”.

Note-se! E estarreçam-se os batistas de bom senso à luz dos seus princípios doutrinários e das manifestações antiecumenistas de assembleias anteriores!!!

As autoridades da “Igreja Católica” FORAM CONVIDADAS!!!

E a solenidade de instalação desse Conclave porventura não terá sido uma cerimônia religiosa?

Tanto foi uma cerimônia religiosa que, logo de início, se cantou o hino oficial, o 154 do Cantor Cristão, seguido de leitura bíblica.

Uma oração antecipou os dois hinos entoados pelo Coral de Salvador. Em seguida à troca de saudações protocolares, a congregação cantou o hino 60 e o Coral apresentou mais dois outros hinos. O Pastor Samuel Cardoso Machado, na qualidade de orador oficial, pronunciou o seu SERMÃO, ao fim do que o Coral de Salvador cantou outra vez. Ao encerramento, entoou-se a doxologia de nº 8 e a congregação foi dirigida em oração pelo Pastor Capitulino Amorim.

E tudo isso não se constitui em culto religioso?

E a Assembleia de Fortaleza não se manifestou contrária por não ver “nenhuma vantagem em aparecerem juntos, em cerimônias religiosas, pastores e padres”?

Isso não é um contrassenso? Um disparate? Um paradoxo inadmissível por parte de pessoas responsáveis?

Dizemos uma coisa e fazemos outra?

E por que convidadas essas “autoridades”?

Exatamente porque estavam “colaborando com a Convenção Batista Brasileira”!

Aquelas orientações práticas de ação ecumenista explanadas e sugeridas pelo ordinário de Ribeirão Preto em meu último retiro espiritual como padre, são uma constante, uma norma geral, em todo o clero romanista.

Sim! Os colégios católicos foram cedidos a alto preço. O maior preço que a Convenção Batista Brasileira poderia pagar.

O cardeal Sales, *antecipadamente*, sabia que os responsáveis pela preparação do 52º Conclave, ao aceitarem aquela hospedagem para os visitantes, estariam dispostos a pagar o elevadíssimo preço de cumprir o dever da etiqueta, da boa educação, exigida pelo figurino no society hipócrita que manda enviar, no caso, convites especiais às autoridades “tão magnânimas e engajadas no espírito ecumenista do Vaticano II” “... dentro dos princípios do Ecumenismo definido pelo Concílio Vaticano II”, sublinhou o Diário de Notícias.

* * *

Desculpem-me! Insisto na análise de todos os lances ecumenistas dessa 52ª Assembleia por me sentir obrigado a demonstrar a justeza do nome deste livro e de maneira particular a verdade do título deste capítulo: A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA ENREDADA PELA AÇÃO ECU-MENISTIZANTE.

Longe de mim o desejo de suscetibilizar pessoas! Estou autopsiando fatos com o anelo sincero de oferecer minha contribuição aos batistas do Brasil a fim de que, libertos das teias ecumenistizantes, possam retomar a antiga posição de vanguarda na refrega de conquistar almas preciosas para o Reino de Jesus Cristo, nosso Adorável Salvador.

* *

Evidentemente que o ordinário Eugênio Sales, em pessoa, se furtaria de comparecer. O golpe ecumenista requer astúcia. SUBREPTICIEDADE.

Mandou um *a latere*. Um representante na figura insinuante do clérigo Félix Neeffes, diretor do Departamento de Ecumenismo da Arquidiocese de Salvador.

Só a presença deste lá em cima na plataforma e a representar o cardeal já seria uma demonstração ecumenista. Para completá-la, porém, fez uso da palavra em nome de “sua eminência” e largou volutas de incenso ao ecumenismo.

À vista do fato e consentâneo com ele, no dia imediato, o jornal soteropolitano A TARDE estampa uma entrevista intitulada: PASTOR PROTESTANTE DEFENDE O BOM ENTENDIMENTO DAS IGREJAS.

Consideraram-na alguns “ofensiva ao bom nome dos batistas” (Anais da 52ª Assembleia, página 24).

Que “bom nome” depois daquele escândalo???

E nada de ofensiva!

Conferiu, aliás, com a teatrada da noite de 21 e com as portas dos colégios católicos abertas para os assembleístas.

Constituiu-se uma comissão que compareceu ao jornal “solicitando necessária retificação para a matéria infundada” (idem, página 26). Infundada? Ao contrário! Foi bem lastreada nos acontecimentos produtos do BOM ENTENDIMENTO entre alguns batistas e a aristocracia clerical baiana.

Dado o primeiro passo num plano inclinado, cai-se até o fundo do abismo...

A teatralizada ecumenista da 52ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira deveria ir ao fim de sua representação tragicômica.

No dia 23 de janeiro, o Pastor Samuel de Aguiar Munguba — o nome Munguba, vinculado à História dos Batistas no Brasil, é um exemplar de fidelidade e coerência! — o Pastor Samuel de Aguiar Munguba, digno do meu profundo respeito, apresentou “um requerimento, assinado por outros sessenta e nove mensageiros, no qual os signatários manifestavam *“sua estranheza pela presença e PARTICIPAÇÃO na sessão solene de 21/1/70 da 52ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira do sr. Félix Neeffes, padre da Igreja Católica Romana e encarregado do seu setor ecumênico, representando o sr. Eugênio Sales, cardeal arcebispo da Bahia”*.

A palavra PARTICIPAÇÃO, em caixa alta a meu alvitre, revela o culto ecumênico da instalação daquela Assembleia, fato esse, aliás, reconhecido e provado pelas circunstâncias descritas e analisadas.

O requerimento, entretanto, solicitava do plenário manifestar-se contrário à aceitação no futuro de hospedagem em entidades católicas e de qualquer outro credo não evangélico.

Explodiram os debates.

Todo mundo se reafirmou antiecumenista!

Mas, o requerimento Munguba foi vencido. Derrotado!

173 votos estiveram com ele.

322 contra! Trezentos e vinte e dois!!!

Todos repelem o ecumenismo. “A Convenção reitera sua posição antiecumenista, expressa na 50ª Assembleia anual, em Fortaleza, Ceará” (idem, página 27).

Mas, os 322 votaram a favor do envolvimento ecumenista. Querem que a Convenção Batista Brasileira e suas Juntas e Departamentos se mantenham enredados, complicados, mancomunados com a ação ecumenista e ecumenizante.

Que autoridade terá a nossa Convenção diante dos desmandos que se verificam Brasil em fora?

E a maior desgraça reside na particularidade de que todos se proclamam avessos ao ecumenismo. A cegueira é tão tenebrosa que os impede de perceber o contrassenso, a hipocrisia, o paradoxo, a contradição, a incoerência entre suas palavras contrárias ao ecumenismo e as suas atitudes franca e ostensivamente postas ao capricho ecumenizante.

Será normal a recusa destas advertências por parte deles. ESTOU PREPARADO PARA SOFRER OS ACHINCALHES VINDOS DOS ECUMENISTOIDES. E SENTIR-ME-EI SUMAMENTE RECOMPENSADO PORQUE É SINTOMA DE QUE ESTAS PÁGINAS LHE PERTURBARAM A CONSCIÊNCIA, O QUE JÁ SERÁ UM GRANDE BENEFÍCIO.

A caterva de papalvos, por culpa da 52ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, engrossou as faixas postas pelo Inimigo destinadas a barrar o desenvolvimento de evangelização...

O nosso próprio Jornal Batista entoou loas à edição do Novo Testamento com aprovação eclesiástica lançado pela Sociedade Bíblica do Brasil!

O nosso próprio Jornal Batista, por vezes posto a serviço da ecumenistização dos batistas brasileiros, traz notícias de ocorrências ecumenistas. Recentemente mesmo, ao relatar uma série de pregações evangelísticas acontecida numa Igreja Batista de Salvador, contou-nos que em cada noite tomou parte no programa um coral diferente, inclusive o coral do Mosteiro de S. Bento.

O pastor ecumenistoide de uma Igreja Batista de certa cidade do Interior Baiano, favorecida com um enorme templo, durante o seu pastorado de quatro anos, nunca batizou uma pessoa. Mas o bispo romanista local participa dos cultos dessa Igreja. E ambos (ordinário e “reverendo”) vivem em constantes trocas de visitas, e os membros da Igreja Batista acompanham, na “santa” paz de consciências entorpecidas no pecado, as imponentes procissões e carregam andores dos ídolos.

Numa cidade fluminense, a Igreja Batista, ao promover uma campanha de evangelização, utilizou-se do salão nobre de um colégio de freiras.

Noutra localidade, a Associação de Pastores Evangélicos, composta na maior parte de obreiros batistas, elegeu para seu presidente um ministro presbiteriano conhecido e reconhecido pelo seu franco e ostensivo ecumenismo.

Um outro pastor não encontrou nenhum Salmo em sua Bíblia apropriado para colocar na primeira página das atividades de sua Igreja para 1971 manualizadas em um pequeno volume. Transcreveu a “oração de S. Francisco”!!!

Os nossos colégios batistas, alheios à tarefa evangelizante, no programa de formatura dos seus alunos, incluem a missa. Que vergonha!!! A missa é o supremo culto idolátrico do catolicismo.

Como resultado dessa complacência para com o erro doutrinário é que muitos “crentes” permanecem apegados a certas heresias. É incrível a multidão deles em nossas igrejas.

De um pastor batista no Paraná conheço a sala principal de sua casa “santificada” com um enorme quadro de Jesus agonizante no horto. No açougue de um batista de outra cidade paranaense há dependurada uma multicolorida estampa do Sagrado Coração de Jesus. No Ceará conheço um diácono devoto do padre Cícero a lhe provar o seu fervor enfeitando-lhe a imagem com flores todos os dias. Numa cidade do Interior Paulista um outro diácono e tesoureiro de sua Igreja Batista é proprietário da Farmácia Santa Maria. Numa localidade do Norte Mineiro um outro “irmão” recebe hóspedes no seu Hotel S. Geraldo muito abençoado por seu orago em troca de sua imagem escandalosamente exposta à entrada.

Enfileiraríamos uma infinidade de outros exemplos...

Mistificados pelo analuvião ecumenistizante, muitos pastores batistas se esquivam de certos temas para não melindrar os católicos presentes em seus programas religiosos.

Na dimensão ecumenista, aliás, é vedada a apresentação de assunto explosivo. O próprio Concílio Mundial de Igrejas recomenda evitarem-se nos encontros ecumênicos os textos bíblicos de “teor polêmico”.

E aqueles pastores, nos próprios moldes da 52ª Assembleia, se envaidecem quando os visitantes informam que gostaram muito... Enfeitiçados pela blandícia ecumenista, preferem contar com a graça dos homens.

Esquecem-se de que, quando exposta com fidelidade e inteireza, a Palavra de Deus desagrada o pecador. Em consequência, o fato de algum visitante se descontentar não deve assustar o fiel servo do Senhor.

Jesus, o nosso Salvador, neste particular também é o nosso Mestre. Jamais Ele se preocupou em “agradar”. Sua pregação dividia. Separava. Causava dissensões! (João 6:66, 67; 7:43; 10:19; Mateus 10: 34-35; Lucas 12:49, 51).

E, como Juiz, separará os salvos dos condenados (Mateus 25:32-34, 41).

Fibra invencível na fidelidade intransigente ao Evangelho de Jesus Cristo, Paulo, o pregador incontestado, porque causava dissensões (Atos 13:43, 45; 14:2, 4; 15:2, 7; 17:1-9; 19:29; 21:31; 23:7, 9), por Tértulo foi cognominado de “*promotor de sedições*” (Atos 24:5).

Há pastores batistas que, sacramentados pela magia ecumenistizante, evitam assuntos polêmicos porque não querem “espantar”. Brandos, maneirosos, sorriso profissional afivelado nos lábios, palavras amenas na boca, empenham-se pela presença de ouvintes anestesiados pelo pecado impedidos de uma definitiva decisão.

Generalizou-se a estupidez humana e atingiu em cheio os nossos púlpitos.

Pretender ser simpático com o erro, com a mentira, com o pecado é trair a Causa do Evangelho.

Por causa dessa simpatia, o pastor poderá conseguir mais alguns adeptos para a sua igreja entre os afeccionados do amadorismo religioso. Mas, cumprirá o seu ministério?

A onda ecumenistizante nos meios evangélicos é um excepcional teste: revela os aventureiros mascarados de pregadores do Evangelho.

Senhores pastores envolvidos no emaranhado da manha ecumenista, a exposição franca de toda a Verdade do Evangelho, apesar de profligar erros religiosos e, por isso, afastar os “ofendidos”, move à conversão genuína os pecadores sinceros na busca de salvação.

Querem ter um ministério frutuoso na conquista de almas para Cristo? O método é o adotado por Paulo, o “*promotor de sedições*”. É efficientíssimo!

O nosso livro **O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS** traz dois capítulos (20 e 21) sobre este importante e sempre atual assunto.

* * *

Vivemos a época da contestação. Do protesto!

Nossos dias se caracterizam pela insurreição. Todos protestam.

Protesta-se até pela esquisitice do trajar.

Nos países superdesenvolvidos a juventude, provida de todos os bens, protesta com a sociedade estabelecida.

Ministros religiosos se insurgem contra os seus próprios superiores hierárquicos a quem devem atender o voto assumido quando assentiram ao *Promittis mihi et successoribus meis obedientiam et reverentiam?*

Protestar tornou-se coqueluche. Todos protestam! EXCETO OS PROTESTANTES!!!

Chama-nos o mundo de protestantes. E deveríamos sê-lo. Mas nós não protestamos.

Acomodamo-nos. Cruzamos os braços. Sorrimos sorrisos benévolos de anuência para tudo e para todos.

Para nós tudo está bem. Não queremos desagradar. E, por isso, aceitamos tudo e aplaudimos os piores disparates.

Tornamo-nos sabujos. Chaleiras. Capachildos. Subservientes à impostura, ao embuste e à trama organizada no propósito de impedir a proclamação integral do Evangelho.

EIS A MAIOR IRRISÃO DESTES FORMIDÁVEIS DIAS: OS PROTESTANTES DEIXARAM DE PROTESTAR.

Degeneraram-se. Capitularam. Abastardaram-se.

O Ecumenismo arrancou-lhes a personalidade e os transformou em autômatos às suas ordens!

Na conformidade com o enredo ecumenistizante, o batista automatizado por seus cordéis, supõe seu dever evitar polêmicas para não desagradar e incidir na pecha de desatualizado. Julga de bom alvitre escolher as palavras para se tornar simpático. E assim calcula atrair a atenção das pessoas. De acordo com essa tática procura ver nas outras religiões o seu lado positivo e, conscientemente, fecha os olhos para os seus erros e enganosa. Na pretensão de juntar valores encobre as falhas e os pontos negativos.

Supõe que a sua simpatia atrairá a benevolência dos outros para o Evangelho.

Se está no púlpito exime-se de apresentar assuntos contraditórios para não ferir suscetibilidades ou magoar os ouvintes. E depois fica satisfeito se os visitantes demonstram apreço por sua pregação. E mais feliz se torna se eles o consideram muito simpático e agradável.

É possível que pessoas sejam atraídas para uma igreja evangélica pela simpatia ecumenistizante do pastor. Conheço membros de nossas igrejas que ao tempo de católicos se desaviam com o vigário e envolvidos pelas

maneiras do pastor aceitaram o batismo e se associaram a ao seu rebanho porque “aqui não se fala mal das outras religiões”.

Encontro-me pregando numa igreja batista na Baixada Fluminense ao escrever esta página. E, por saber a região minada de doutrinas espíritas, apresentei dois sermões no intento de esclarecer as pessoas sobre os seus enganos.

Agitada, uma senhora, membro da igreja, me procurou e contou-me a sua história. Há muitos anos espírita, ao residir na Guanabara, frequentava um “centro” próximo de sua casa e se tornara sócia da Legião da Boa Vontade. Ao se transferir para a Baixada Fluminense, o centro espírita mais próximo dista de sua casa atual uns três quilômetros. Os achaques da sua idade impedem-lhe essa caminhada e, por isso, começou a visitar igrejas evangélicas “porque tudo é a mesma coisa, pois em todas as religiões se fala no nome de Deus e todas dão bons conselhos”.

Resolveu fixar-se nesta em que agora estou pregando porque o pastor lhe é muito simpático, muito sorridente, “sabe agradecer as pessoas e não ataca a religião de ninguém”. Fez a sua decisão pública por Cristo como exige o costume da igreja e aceitou o batismo “porque o que é bom a gente pode receber sempre”. Informou-me, outrossim, que sempre creu em Cristo — “e quem não acredita em Jesus?” A Ele recorre em todas as suas dificuldades!

Continua sócia da L.B.V. e firme nas suas convicções espíritas, que esconde exatamente para não desagradar os “irmãos”. “E quem pode dizer que está salvo?”, pergunta na sua incredulidade pertinaz.

* * *

Os lances ecumenistas da 52ª Assembleia da nossa Convenção vêm produzindo males terríveis pelo escândalo que deram e se transformaram num grande empecilho para que se adotem medidas adequadas para a solução do mais grave problema surgido em nosso meio.

Aguardo, todavia, por parte da Convenção Batista Brasileira, uma tomada de consciência diante do aluvião ecumenistizante que traga tantos pastores e tantas igrejas.

Se, ao contrário, assumir a atitude do “vamos-deixar-para-mais-tarde” ou a de se “dar-tempo-ao-tempo”, ou ainda a do “vamos-deixar-sobre-a-mesa”, melhor seria requerer-se sua falência.

Se também menoscabar os meus brados, julgando-me exagerado, continuar chorando em meu coração, tamanha desgraça, mas, qual atalaia, insone e alerta, com a consciência tranquila, estarei certo do dever cumprido para a glória de Jesus Cristo e manifestação de minha inconcussa fidelidade aos princípios neotestamentários e bíblicos aceitos ao me tornar membro de uma Igreja Batista.

.oOo.

APÊNDICE

PARA OS BATISTAS DE HOJE

DESTINOU-ME DEUS uma tarefa superior às minhas pobres forças. Preciso, contudo, cumpri-la convicto de que minhas limitações e desânimos serão sobrepujados pela GRAÇA.

Certo do chamado especial para esta HORA, enfrentarei todas as contradições, embora muitas vezes me desespero da vida (2 Corínios 1:8) e deseje partir e estar com Cristo que me seria muito melhor (Filipenses 1:23).

Por outro lado, se Deus me colocou entre os batistas, caracterizados por gloriosa história evangelística, é porque me reserva uma incumbência especial de atalaia a clamar brados de alerta para despertar os adormecidos e a sacudir os envolvidos no analuvião ecumenizante a fim de que os BATISTAS DE HOJE impeçam a diluição dos nossos ideais de conquistar almas para Cristo, intentada, aliás, pelas forças malsãs do Inimigo.

A candência das minhas expressões e o calor das minhas objurgatórias expressam minha ansiedade por cumprir meu dever de *AMOR aos meus irmãos batistas*.

Apesar do pouco tempo material de convivência, já a minha vasta folha de serviço permite-me profundas raízes no meio batista, circunstância a me ensejar o anelo de ser ouvido com respeito e de ser acatado com urgência em assunto de tão magna importância para a nossa sobrevivência como povo evangelizante.

Se, através do púlpito, à frente de campanhas evangelísticas, me empenho em proclamar que **SÓ CRISTO SALVA O PECADOR!**, esse ministério se amplia exuberante e vigorosamente por meio do

L I V R O .

Aí está a minha autobiografia: **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA!!!** a comover corações. A, na apresentação de experiências vividas e vívidas de um sacerdote, patentar a bendita e gloriosa Verdade do Evangelho. A levar a Cristo muitos pecadores, pois, como espinha dorsal, caracteriza-a a Mensagem Evangelística.

Esse livro, ao lado dos demais de minha lavra, já se tornou indispensável nas atividades evangelizantes dos BATISTAS DE HOJE.

No catolicismo a *IGREJA* se identifica com a *HIERARQUIA CLERICAL*. Igreja e hierarquia se confundem. No passado, o catolicismo se cognominava *Igreja da Hierarquia...*

Sem esta, conforme o conceito daquela teologia, inexistia a *Igreja*.

Por inferência, evidentemente, o sacerdócio sacramental, sacrificial, se torna imprescindível no contexto da dogmática católica. É, aliás, o seu fundamento. E, ao mesmo tempo, o sustentáculo do seu arcabouço.

Por isso, o Concílio Ecumênico Vaticano II teve como primordialíssima tarefa, conquanto à vista dos superficiais haja demonstrado somente intenções de se atualizar, a exaltação da hierarquia sacerdotal culminada na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, cujo capítulo III se constitui no apogeu de todos os trabalhos conciliares.

Então, os meus dois livros: *CRISTO? SIM!!! PADRE? NÃO!!* e *SERÁ QUE PODEMOS CONFIAR NOS PADRES?* são de uma atualidade atualíssima.

O primeiro, à luz das Sagradas Escrituras, demonstra a inoquidade e dispensabilidade do sacerdócio sacrificial nesta Dispensação.

Quando Jesus, perante o sinédrio, proclamou-se Filho de Deus, “o sumo sacerdote rasgou os seus vestidos...” (Mateus 26:65).

Ao atirá-las para longe e em farrapos, Caifás estava realmente a despojar-se da dignidade sacerdotal, marcando o termo do Sacerdócio Levítico.

No instante da morte de Jesus, rasgou-se o véu do Templo, *de alto a baixo*, evidenciando o fim do Concerto Antigo, com seus sacrifícios e seu sacerdócio!

Os trajes sacerdotais foram rasgados e destruídos pelas mãos do próprio sumo sacerdote, mas o véu do Santuário fora rasgado pela Mão do próprio Deus.

Caifás rasgou *de baixo para cima*, como era costume e para significar, ainda, a participação do homem no encerramento definitivo das atividades do Sacerdócio Levítico.

O fato de se ter rasgado o véu do Templo, de alto a baixo, era o indício de que aquilo não se fazia por mão de homem, mas pela Mão do próprio Deus, o qual ordenara que, enquanto vigorasse a Antiga Lei, estivesse corrido o véu diante do Santo dos Santos. Agora, na Morte de Seu Filho, decretou que fosse definitivamente retirado.

E, à luz da História, **CRISTO? SIM!!! PADRE? NÃO!!!** revela a falácia do sacerdócio católico.

Este livro, contudo, como ápice, apresenta Jesus Cristo, como ÚNICO E VERDADEIRO SACERDOTE.

O Sacerdócio de Jesus Cristo se deriva diretamente da Sua Encarnação. Na mediação está o exercício do Sacerdócio de Jesus Cristo. Mediador ou Pontífice não poderia ser sem se ter feito Homem também — o que lhe deu condições de religar os dois termos separados pelo pecado: Deus e a criatura humana.

O Verbo, que ao mesmo tempo é imagem perfeita do Pai, exemplar da criação e, por isso, ocupa lugar central na economia do mundo, desde que se encarnou, tornou-se o liame religioso entre Deus e a humanidade e, em consequência, é o SACERDOTE.

Ele, Jesus, não é *um* Sacerdote. Mas é o Sacerdote. Único!

Cristo é a única Pessoa a ouvir constantemente a palavra eterna da Geração Divina: “*Tu és Meu Filho!*” (Hebreus 5:5).

JESUS É TODO O SACERDÓCIO!!! A Sua vocação sacerdotal identifica-se com o propósito da Encarnação.

O Sacerdócio não é um privilégio acidental, e sim a prerrogativa mais essencial do Verbo Encarnado, toda a sua razão de ser diante de Deus e junto dos homens. Cristo é em tudo Sacerdote. A Sua união hipostática nos desvenda as origens profundas do Seu Sacerdócio.

Cristo esgota em Si todo o Sacerdócio.

Cristo e Sacerdote são dois títulos que se interpenetram em nosso Divino Salvador.

Defrontam-se dois pretendentes ao seu domínio político-social: o neocapitalismo e o comunismo.

O clero, consoante a sua própria índole, jamais poderia permanecer indiferente nas sacristias. Desinteressa-lhe o possível vencedor desta gigantesca contenda. Objetiva situar-se bem em qualquer hipótese. Foi sempre assim!

Oportunista se “apresenta” dividido. Os “moderados” se refestelam na macia futilidade dos neutros; os defensores da ordem vigente se encurralam nos biombos dos “conservadores”; e os “progressistas”, num socialismo de falsete, arregaçam as mangas num fazer de contas que estamos tramando uma revolução.

Por ser reputado o Brasil como a maior nação católica do mundo e, em vista dos prognósticos de se elevar a sua população a 230 milhões de almas até o fim deste século, teria o catolicismo em nosso País de, necessariamente, liderar o catolicismo mundial. O papa considera o Brasil revestido com essa vocação providencial no instante em que a sua grei enfrenta o maior embate de toda a sua história.

Manobrado pelo pontífice de Roma, o clero atual tem a suprema incumbência de impedir a afirmação do Poder Nacional Brasileiro por-que somente assim poderá usufruir no futuro a sua tradicional posição.

Desenganem-se os ingênuos analistas da problemática brasileira!

O clero é inimigo jurado do Brasil. Deste Brasil que almejamos livre de sua impostura e de sua mistificação.

Esta obra diagnostica o comportamento atual da hierarquia romanista no Brasil. É, por isso, um brado de alerta... É um pedido de atenção!

É um documentário! Um libelo!

É um subsídio sincero para a arrancada desenvolvimentista que nesta hora entusiasma o Brasil e fora da qual não podem estar os BATISTAS DE HOJE.

* * *

Para os BATISTAS DE HOJE, porém, se sobreelevam pelo seu conteúdo os livros: *O VATICANO E A BÍBLIA, ESSAS BÍBLICAS CATÓLICAS!!!, SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?* e *O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS*.

Jamais se conseguirá entender a cognominada *teologia pós-conciliar* do catolicismo sem o exame acurado dessa literatura.

Com efeito, há pessoas convencidas de que a seita do papa, nestes últimos anos, decidiu voltar-se à Bíblia, aceitando-a como Único Depósito da Revelação Divina.

Entusiasmam-se vendo-a exposta nas livrarias. Embevecem-se quando encontram freiras batendo de porta em porta a oferecer o precioso Livro. Maravilham-se quando o deparam na casa de algum amigo católico. Exaltam-se sobremaneira quando, através de um programa radiofônico, ouvem um sacerdote fazer uma prédica, citando versículos bíblicos.

Mas, é chegada a apostasia referida por Jesus em Seu sermão escatológico (Mateus 24:24) e por Paulo aos Tessalonicenses (2 Tessalonicenses 2:3).

Nunca a Bíblia foi tão perseguida como nestes tempos!

Outrora era queimada nas labaredas da Santa Inquisição.

Hoje, fazem-lhe pior! Conspurcam-lhe a mensagem. Destroem-lhe o sentido. Intercalam-se-lhe interpretações esdrúxulas. Atendendo um plano adrede estabelecido para confundir as mentes, eivam-na de fábulas (1 Timóteo 1:4; 2 Timóteo 4:4) através de notas de rodapé, títulos e subtítulos, explicações prefaciais, gravuras e índices doutrinários.

O livro **O VATICANO E A BÍBLIA** objetiva revelar a situação atual da Bíblia na teologia católica pós-conciliar, exaltar o Livro Santo como único Depósito da Revelação Divina e exortar os cristãos a que batalhem intrepidamente *“pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”* (Judas 3).

E **ESSAS BÍBLIAS CATÓLICAS!!!**, ao analisar as versões católicas do Livro Santo mais difundidas, patenteia quais os seus ardis.

Atendendo orientações específicas do Concílio Ecumênico Vaticano II (Constituição Dogmática *Dei Verbum*), a hierarquia romanista se empenha em divulgar aquelas traduções, utilizando-se de todos os recursos, inclusive em fascículos semanais vendidos em bancas de revistas e jornais.

O BATISTA DE HOJE, ao ler **ESSAS BÍBLIAS CATÓLICAS!!!** dar-nos-á razão quando afirmamos: “nos tempos medievais, o catolicismo torturava as pessoas que possuíam a Bíblia. Hoje ele tortura a própria Bíblia!

Os tempos são mudados. E muito para pior!!!”.

* * *

Jesus quer que os crentes sejam SÍMPLICES (Mateus 10:16).

Símplices! Não ingênuos. Não pascácios. Não pancrácios. Nem imaturos ou infantis.

Por isso que Paulo exorta: *“não sejais meninos no entendimento”* (1 Coríntios 14:20).

Se quisermos, porém ser *sinceros* “no meio de uma geração corrompida e perversa” (Filipenses 2:15), precisamos estar alertas e ser esclarecidos.

Diante dos livros: *SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?* e *O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS*, o BA-TISTA DE HOJE perdeu o direito de ser maria-vai-com-as-outras ou adepto do ouvir...

Pela leitura de *SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?* ficar-se-á ao par da origem histórica do ECUMENISMO consentâneo, de resto, com a própria eclesiologia católica, cujas raízes se fincam nas estruturas do Imperialismo Romano.

Destina-se *O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS* a alertar os incautos. A prevenir os ingênuos. A sacudir os adormecidos. A abrir os olhos ofuscados pela fumaça ecumenista. A incentivar os amofinados pelo psicotrópico ecumenistizante.

Este livro, inédito sobre o tema, convoca todos os batistas a se definirem diante do ecumenismo. Ou pela apostasia. Ou pela fidelidade escoimada de subterfúgios a Jesus Cristo. Ou pela abominação do dominismo religioso. Ou pelo aparceiramento com os fautores do antievangelho.

Reparte-se em três partes:

Na primeira, relacionando-as, mostra as afinidades das seitas católicas, todas elas fundamentadas no antievangelho e em busca da meta comum do U N I O N I S M O sob a tiara pontificia do Vaticano. Sob o aspecto concentracionário, pois, o ecumenismo se manifesta como ambição dominista.

Na segunda, no esforço de esclarecer, evidencia a permanência de todos os dogmas nos quadros da teologia romana, pois o Concílio Ecumênico Vaticano II em que pesem prognósticos apressados, nenhuma transformação doutrinária promoveu, mas, ao contrário, insistiu em confirmar, reafirmar, ratificar, sustentar, conservar todas as teses postas nos concílios anteriores e por todos os papas à anuência da fé. A teologia pós-conciliar se identifica plenamente com a *pré*.

Na última parte, apresentamos os métodos da ação ecumenistizante para, envolvendo os discípulos do Senhor, coibir-lhes o ímpeto evangelístico, desde que não os possa subjugar ao vaticanocentrismo.

Nesta terceira parte sobressaem os seguintes capítulos, cujos títulos informam a atualidade palpitante dos assuntos: Na Execução do Grande Mandato; no Círculo Vitorioso do Heroísmo; o Ministério do Antievangelho Hierarquizado; A Mobilização de Todos os Artíficos para Embaraçar a Pregação do Evangelho; Artíficos Ecumenistizantes Postos em Prática; O Diálogo e Ação Ecumênica; O Diálogo Une? E O Evangelho Separa!!!; Paulo, Pregador Inconteste e Protestante Intimorato, é o “Promotor de Discórdias”; O Uso Tático da Bíblia na Ação Ecumênica. (Neste último capítulo examinamos a atual posição da Sociedade Bíblica do Brasil no contexto ecumenista).

Esta obra, ao longo de suas 250 páginas e ao lume de argumentação vigorosa, prova que o ecumenismo é único.

* * *

A preguiça mental que nos inibe de ler se constitui em pecado.

Desgraçadamente entre os crentes grassa a distinção diabólica entre pecado grave e pecado leve. Matar, roubar, adulterar, fumar, beber é pecado grave e obriga nossas Igrejas a eliminar os que os praticam. Mentir, ter preguiça, irreverência no culto, impontualidade, gulodice, maledicência, não gostar de ler, tudo isso é pecado pequeno. E aqueles que os cometem continuam membros de nossas Igrejas, embora amando entranhadamente essas iniquidades.

Diante de Deus não há pecado pequeno. Todos os pecados são graves, pois todos eles afrontam a Sua Santidade Infinita.

Como nossas Igrejas seriam diferentes se seus membros tivessem o prazer e o hábito da leitura.

Vivemos tempos tão calamitosos que os crentes nem apreciam ler o Livro Santo. Por isso, em mensagem vibrante, escrevemos o livro: *CRENTE, LEIA A BÍBLIA!*

Escrevendo ao seu caríssimo Timóteo, Paulo insistia: *“Persiste em ler”* (1 Timóteo 4:13).

Nossos livros são escritos para os BATISTAS DE HOJE e com muito amor e entusiasmo. Alheio ao nosso objetivo qualquer interesse material...

Deveriam eles fazer parte de toda a biblioteca que cada Batista precisa ter em sua casa.

Que a recomendação de Paulo a Timóteo possa nos incentivar à leitura!

Se quem lê vale mais, quanto não valeriam os batistas intelectualmente munidos da grande e atualíssima bagagem de informações que nossos livros oferecem?

.oOo.

